



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"JORNALISTA ROBERTO MARINHO"
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**HEITOR PEDROSO ALVES DA SILVA
HELENA PELLIM
VIRGINIA FAUSTINO CRUZ
WELLINGTON JOSÉ PELEGRINO COSTA**

HOMEM NA ESTRADA: FOTODOCUMENTAÇÃO DA VIDA APÓS AS GRADES

Presidente Prudente – SP
2019



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**HEITOR PEDROSO ALVES DA SILVA
HELENA PELLIM
VIRGINIA FAUSTINO CRUZ
WELLINGTON JOSÉ PELEGRINO COSTA**

HOMEM NA ESTRADA: FOTODOCUMENTAÇÃO DA VIDA APÓS AS GRADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Área de Concentração: Jornalismo

Orientadores:

Prof. Dra. Maria Luisa Hoffmann

Prof. Me. Luiz Carlos Dale Vedove

**HEITOR PEDROSO ALVES DA SILVA
HELENA PELLIM
VIRGINIA FAUSTINO CRUZ
WELLINGTON JOSÉ PELEGRINO COSTA**

HOMEM NA ESTRADA: FOTODOCUMENTAÇÃO DA VIDA APÓS AS GRADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Presidente Prudente, 27 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Maria Luisa Hoffmann (Facopp)

Orientador: Prof. Me. Luiz Carlos Dale Vedove (Facopp)

Prof. Dr. Roberto Aparecido Mancuzo Júnior (Facopp)

Prof. Esp. Thomas Aguilera Fernandes (Facopp)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todos que buscam uma sociedade mais justa, igualitária e que promova oportunidades para todos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos pais, familiares e amigos, que nos deram apoio e inspiração para a execução deste trabalho.

Aos professores Maria Luisa Hoffmann e Luiz Carlos Dale Vedove, pela orientação atenciosa e competente.

Às pessoas que conhecemos e fotografamos, por confiarem em nós e dividirem suas histórias de vida, as quais carregaremos por toda a vida.

A Gustavo Picchi, Coordenador da Execução Penal da Defensoria Pública de Presidente Prudente, pelas conversas iluminadoras e por compartilhar conhecimentos sobre o sistema penitenciário e a justiça no Brasil.

À empresa Voltarelli Produtos para Marcenaria, na qual dois de nossos personagens trabalham, pela hospitalidade e disponibilidade para nos atender sempre que precisamos.

Aos professores da Facopp, pelos ensinamentos e pela paciência.

A Deus, por permanecer ao nosso lado e nos dar forças nos momentos de dificuldade.

“– O mandamento que o condenado infringiu é escrito no seu corpo com o rastelo. No corpo deste condenado, por exemplo – o oficial apontou para o homem –, será gravado: Honra o teu superior!”

Na Colônia Penal (1919), Franz Kafka

RESUMO

HOMEM NA ESTRADA: FOTODOCUMENTAÇÃO DA VIDA APÓS AS GRADES

O presente trabalho teve como objetivo a documentação da vida de cinco pessoas que passaram pelo sistema penitenciário paulista, na região de Presidente Prudente, o que culminou na produção de um fotolivro no formato digital. Os autores acompanharam os personagens e seus familiares em suas rotinas, entrevistando-os e registrando o cotidiano de cada um após o cárcere, as histórias de vida dessas pessoas e refletir sobre a eficácia do sistema prisional e as relações deles com a sociedade e a liberdade. A metodologia utilizada teve abordagem qualitativa do tipo exploratória, com o uso do método biográfico. As técnicas de coleta de dados foram pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista em profundidade. O trabalho possibilitou um aprofundamento do conhecimento das causas e circunstâncias do crime na sociedade, das técnicas jornalísticas e o uso da fotografia documental e do texto de perfil como ferramentas para suscitar discussões sobre a realidade vivenciada pelos personagens selecionados, bem como a utilização do fotolivro em uma construção narrativa.

Palavras-chave: Jornalismo. Fotografia Documental. Texto de Perfil. Fotolivro digital. Sistema Penitenciário Paulista.

ABSTRACT

MAN ON THE ROAD: PHOTODOCUMENTATION OF LIVE AFTER PRISON

This paper had the objective of documenting the lives of people that had the experience of being in the prison system in the State of São Paulo, in the region of Presidente Prudente, culminating in the production of a digital photobook. The authors followed the collaborators and their families, recording their every day routines after the life in prison, performing interviews and photographing their daily lives, to later reflect on the efficacy of the prison system and their relationships with society and freedom. The methodology used was qualitative approach, of the exploratory type, using the biographic method. The techniques of collecting data were bibliographic research, document research and in-depth interviewing. This study made possible the deepening of the knowledge over the causes and circumstances of crime in the society, of the journalistic techniques and the use of documentary photography and profiles as tools to evoke discussions on the reality lived by the people selected, as well as the use of photobooks in narrative construction.

Key words: Journalism. Documentary Photography. Profile. Digital Photobook. São Paulo State Prison System.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	<i>“Sufferers from the floods”</i> (Sofredores das inundações).....	38
FIGURA 2	<i>“Parade”</i> (Desfile).....	39
FIGURA 3	<i>“Beijo no café”</i>	41
FIGURA 4	O fotógrafo pode evidenciar o objeto ou ação usando três pontos de ouro.....	44
FIGURA 5	O efeito de perspectiva faz uso de linhas e camadas para criar profundidade.....	45
FIGURA 6	O efeito de textura estimula outros sentidos por meio da visão, como o tato.....	46
FIGURA 7	O contraste pode ser observado na diferença de iluminação entre objetos ou áreas de um mesmo objeto.....	46
FIGURA 8	Fotografias em preto e branco evidenciam detalhes da expressão.....	47
FIGURA 9	A luz orienta a direção do olhar do leitor, portanto deve estar sempre na mente do fotógrafo.....	48
FIGURA 10	O ângulo contra-plongé, ou contra-mergulho, é usado para colocar o objeto em posição de valorização.....	49
FIGURA 11	O plano panorâmico pode ser usado para apresentar um local por inteiro na horizontal.....	50
FIGURA 12	Também pode ser usado para apresentação de local, mas traz mais informações na vertical, se comparado ao panorâmico.....	51
FIGURA 13	No plano geral, da foto abaixo, o ambiente ainda é protagonista.....	51
FIGURA 14	Na foto abaixo, em plano médio, há equilíbrio entre o ambiente e a figura humana, e já são perceptíveis os detalhes da ação.....	52
FIGURA 15	No plano americano, o personagem ou objeto está em destaque sobre o ambiente.....	52
FIGURA 16	No primeiro plano (ou close-up), o ambiente quase desaparece e o sujeito é o que importa.....	53
FIGURA 17	O plano de detalhe retrata apenas uma parte do objeto registrado.....	54
FIGURA 18	O foco seletivo é responsável por dar destaque a um objeto em relação aos outros.....	54
FIGURA 19	Capa do fotolivro.....	68
FIGURA 20	As palavras no sumário são links que direcionam para o respectivo capítulo.....	68
FIGURA 21	A primeira página de cada capítulo contém um botão para voltar ao sumário.....	68
FIGURA 22	A primeira versão do livro demonstrou ter espaços em branco demais.....	69
FIGURA 23	A versão final otimizou o uso do espaço sem poluir a área de leitura.....	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	13
2.1	Problematização e justificativa.....	13
2.2	Objetivos.....	14
2.2.1	Objetivo geral.....	14
2.2.2	Objetivos específicos.....	15
2.3	Metodologia.....	15
3	RECLUSÃO E RESSOCIALIZAÇÃO.....	20
3.1	Quem são?.....	21
3.2	O que ressocializar quer dizer?.....	23
3.3	A pena privativa de liberdade como ferramenta ressocializadora.....	25
4	QUEM SÃO OS PERSONAGENS.....	29
4.1	Jurandir Mendes.....	29
4.2	Fabiano Fernandes.....	30
4.3	Itamar Xavier.....	31
4.4	Marcelo Cavalcanti.....	32
4.5	André Guimarães.....	33
5	FOTOJORNALISMO E FOTODOCUMENTAÇÃO.....	35
5.1	Origem e função social do fotodocumentarismo.....	36
5.2	Linguagem e técnicas fotográficas.....	43
5.2.1	Composição.....	43
5.2.2	Ângulo.....	48
5.2.3	Planos e enquadramentos.....	49
5.3	O fotolivro como estrutura narrativa.....	55
6	PROJETO EDITORIAL.....	58
7	MEMORIAL DESCRITIVO.....	63
7.1	Os personagens.....	62
7.2	As tarefas.....	63

7.3	Produção da peça prática.....	64
7.4	O fotolivro.....	67
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
	REFERÊNCIAS.....	72
	ANEXOS.....	76

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema as histórias de pessoas que vivem em sociedade após terem experienciado situação de reclusão no sistema penitenciário, a serem representadas por meio da fotodocumentação com textos de perfil. Para isso, é necessário realizar estudos sobre as circunstâncias que levam as pessoas ao crime, refletir sobre a capacidade do sistema penitenciário de reinseri-las na sociedade, executar entrevistas semiabertas e em profundidade com os retratados, a fim de coletar seus depoimentos pessoais das experiências que tiveram, e realizar estudos teóricos e práticos em Fotografia e Jornalismo.

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (ZAMPIER, 2015) apontam que 24,4% das pessoas que deixam o sistema penitenciário retornam às prisões num período de até cinco anos. Em vista desses dados, cabe o questionamento sobre a eficácia das políticas de recuperação e ressocialização dos indivíduos presos. Nesse trabalho, são exploradas as histórias de vida e visões de cinco pessoas que vivenciaram essas circunstâncias do crime, da reinserção social e do cárcere.

A fotografia e sua linguagem são utilizadas como ferramentas de documentação da história desse grupo de pessoas que já foram presas, as quais carregam o estigma de criminosos mesmo após “pagarem o que devem” à sociedade. Ao conhecer as histórias dos personagens que serão retratados nos textos de perfil e fotografias, espera-se que o leitor faça uma reflexão sobre a forma como as pessoas que cumpriram uma condenação são vistas e classificadas pela sociedade, bem como o tratamento dado pelo sistema penitenciário brasileiro aos seus reclusos.

Primeiro, a pesquisa discorre sobre a metodologia utilizada, que foi método biográfico, pela valorização que o grupo quis dar aos depoimentos dos personagens. A entrevista é ferramenta essencial na construção de textos de perfil e fotodocumentação, duas produções que exigem estudo e aproximação do autor com o objeto. No capítulo três, os estudos sobre causas do crime e origem e função social da prisão levantam questionamentos sobre a eficácia do sistema penitenciário e as possibilidades de reinserção social. Também argumenta-se, com base nas pesquisas, que tanto a estrutura quanto a própria função desse sistema não buscam a recuperação do criminoso, mas que, por definição, seu objetivo é excluir e

marginalizar determinados grupos sociais. O capítulo quatro relata o surgimento do fotojornalismo e sua relação com a fotografia documental. No entendimento dos pesquisadores, o uso da fotodocumentação enriquece o trabalho, pois o estudo prévio necessário para esse tipo de produção enquadra-se bem em qualquer pesquisa que exige aproximação entre pesquisador e objeto. No capítulo cinco, o projeto editorial do fotolivro traz os aspectos de produção que nortearam a peça prática do trabalho, como planejamento, estrutura e informações técnicas.

A motivação da escolha do tema veio pelo interesse dos pesquisadores em trabalhar com a questão da exclusão social e em trazer histórias de vidas de pessoas que carregam um estigma perante a sociedade. Com base nas informações levantadas, percebe-se que as pessoas que passaram pelo cárcere tendem a ficarem marcadas pelo resto da vida, o que dificulta a transição de volta para a liberdade e estabilização na sociedade. Só por si, esse aspecto já cativou o grupo a trabalhar com o tema em questão.

Ao conhecer as histórias de vida e pesquisar sobre o assunto, é importante ter em mente também a questão da produção jornalística, que nesse trabalho toma formato fotodocumental. Fazer jornalismo é contar histórias de pessoas e o papel social da profissão estabelece uma relação entre o ato de relatar e a interpretação decorrente, que tem potencial para suscitar debates importantes nos meios acadêmico e social.

As questões sociais não devem ser tema exclusivo das áreas de estudo teórico, uma vez que não são as únicas afetadas pelas suas circunstâncias. As áreas da Comunicação e do Jornalismo, dentro das suas próprias especificidades, podem e devem ter papel ativo na construção e disseminação de informação e conhecimento, bem como promover o engajamento dos demais setores da sociedade em debates relevantes. A academia não deve se ater ao conhecimento científico por si, mas a construí-lo em prol do desenvolvimento da população, seja este científico, social ou econômico.

O papel da fotodocumentação nesse contexto é ser uma ferramenta de politização do tema ao permitir construção narrativa que valorize os personagens retratados e faça suas histórias serem vistas. Pela força da imagem, espera-se que o leitor do fotolivro resultante reflita sobre o assunto e transforme ou, pelo menos atente, para esse grupo à margem da sociedade.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problematização e justificativa

Segundo os dados mais recentes do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN, 2016), 51% dos encarcerados têm, no máximo, ensino fundamental completo. Além disso, 64% são negros. Ainda de acordo com a pesquisa, 24,4% de todos os encarcerados reincidem no crime e retornam ao sistema em até cinco anos após serem liberados da unidade penitenciária. A alta taxa de reincidência e características claramente identificáveis deste grupo sugerem a inabilidade do sistema penitenciário em fornecer as ferramentas necessárias para que o detento não pratique novos crimes quando retornar à sociedade.

Para refletir sobre os motivos dos altos índices de reincidência, primeiro é necessário compreender o funcionamento do sistema penitenciário. Aquele que é condenado por um crime pela primeira vez pratica o primeiro contato, que é chamado de “desvio primário”, que pode acontecer devido a uma série de fatores emocionais, econômicos, sociais, entre outros (GANEM, 2018). A permanência no crime, porém, está ligada ao paradoxo do sistema penitenciário. A prisão, como a conhecemos hoje, surge na França no século XVIII e sua função era ser o local onde criminosos condenados aguardavam as punições físicas e públicas (chamadas de suplícios). Posteriormente, tornaram-se também instituições punitivas e de recuperação (FOUCAULT, 1987, p. 196). A reincidência é o chamado “desvio secundário”, quando o indivíduo volta a ser privado de liberdade em decorrência de uma nova condenação (GANEM, 2018).

A natureza paradoxal do sistema penitenciário está presente na consolidação da identificação do indivíduo como um excluído social (GANEM, 2018), o que perpetua sua estigmatização não só na relação com a sociedade, mas consigo mesmo. Sá (2007, p. 143) critica a pena privativa de liberdade, ao afirmar que ela tem como objetivo a destruição da autoestima por meio da culpa, o que faz com que o indivíduo culpe outras circunstâncias e não a si mesmo, ou cometa novamente o crime como forma de reafirmar-se. Para o autor, essa punição é sempre falha.

Foucault (1987, p. 231) também aponta a questão do “fracasso” da prisão, ao retratá-la como uma instituição que tem como principal objetivo não o

desenvolvimento do indivíduo, mas o seu condicionamento como “detento-operário”, destinado a servir à lógica de produção do capital e reprimir movimentos sociais por meio da vigilância social. Se aqueles que não se enquadram na sociedade estiverem dispersos e presos, não poderão se organizar para a luta de classes de forma efetiva.

A fim de contar as histórias de vida de pessoas que viveram encarceramento em razão de uma condenação, bem como promover um debate sobre a eficácia das políticas de ressocialização dos detentos, este Trabalho de Conclusão de Curso propôs: por meio da fotodocumentação, como apresentar as vidas de pessoas que viveram a experiência de reclusão no sistema penitenciário?

Para a realização desse trabalho, os pesquisadores acompanharam cinco personagens nas suas situações diárias de vida, a fim de conhecer e registrar suas histórias e personalidades para a produção de um fotolivro digital. O grupo escolheu o tema pelo interesse de trabalhar com assuntos sociais relevantes e pelo senso de responsabilidade de produzir debates na área. Os pesquisadores entendem que questões de exclusão social devem ser abordadas pela academia e debatidas pela sociedade e que é dever do Jornalismo e da Fotografia, áreas com grande potencial de impacto pela história e natureza de suas produções, promover discussões e engajar transformações. Para servir a esse propósito, foi necessário que os membros do grupo estudassem as técnicas de produção fotodocumental e de texto de perfil, bem como a compreensão das circunstâncias sociais que cercam os indivíduos retratados. Por fim, a escolha do tema também busca engajar a academia em debates que possam servir à transformação social e não apenas se deter na construção do conhecimento científico, relevante mas que deve servir à sociedade e seu desenvolvimento.

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

Apresentar, por meio da fotodocumentação, histórias de pessoas que viveram situação de reclusão no sistema penitenciário.

2.2.2 Objetivos específicos

- Conhecer as histórias de vida dos personagens que passaram por situação de reclusão no sistema penitenciário.
- Produzir textos de perfil jornalísticos baseados nas pesquisas e entrevistas.
- Refletir sobre a eficácia do sistema penitenciário na recuperação dos encarcerados.
- Aperfeiçoar as técnicas jornalísticas e fotojornalísticas dos pesquisadores ao retratar assuntos socialmente sensíveis.

2.3 Metodologia

A ciência, segundo Gil (2008, p. 8), tem o objetivo de chegar à veracidade dos fatos. No entanto, o que a difere dos outros tipos é a sua “verificabilidade”, ou seja, a capacidade de verificar o método que foi utilizado. O método, na pesquisa científica, por sua vez, é o meio utilizado para chegar a determinado fim, podendo ser possível reproduzi-lo e alcançar resultados semelhantes.

Gil (2008, p. 4) ressalta que a subjetividade do pesquisador é essencial para a prática do estudo social, uma vez que os fatos sociais:

[...] dificilmente podem ser tratados como coisas. [...] O pesquisador não é capaz de ser absolutamente objetivo. Ele tem suas preferências, inclinações, interesses particulares, caprichos, preconceitos. [...] É com base nessas concepções que irá abordar o objeto de seu estudo.

A pesquisa qualitativa é a mais adequada para esse trabalho, uma vez que aborda temas dos povos humanos que não podem ser facilmente quantificados, como explica Triviños (1987, p. 120):

Todos os autores, ao que parece, compartilham o ponto de vista de que a pesquisa qualitativa tem suas raízes nas práticas desenvolvidas pelos antropólogos, primeiro e, em seguida, pelos sociólogos em seus estudos sobre a vida em comunidades. [...] Os pesquisadores [antropólogos] perceberam rapidamente que muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo.

A pesquisa exploratória foi a abordagem escolhida para a execução desse trabalho, por permitir familiarização com o objeto de estudo ao mesmo tempo que é realizada a pesquisa bibliográfica sobre o mesmo. Essa forma de tratamento tem relação próxima com a fotodocumentação, que pressupõe uma aproximação do fotógrafo antes da execução do registro (LOMBARDI, 2007, p. 34). A fotodocumentação a partir do século XX e principalmente na sua forma contemporânea toma forma de projeto documental, que exige estudo prévio do tema, planejamento e aprofundamento mais amplos do que na produção fotojornalística (SOUSA, 2002, p. 8). Por vezes, esse envolvimento também confunde-se com o estabelecimento de uma relação de confiança entre fotógrafo e personagem.

Segundo Gil (2008, p. 27), a pesquisa exploratória tem como principal objetivo esclarecer ou modificar conceitos que poderão ser explorados mais profundamente no futuro, visto que elas são

[...] desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.
(GIL, 2008, p. 27)

O método utilizado nessa pesquisa é o biográfico, que se caracteriza por conhecer as histórias de vida de uma ou mais pessoas em um grupo. No caso desse projeto, os personagens selecionados para serem retratados no fotolivro são pessoas que viveram situação de reclusão no sistema penitenciário.

De acordo com Chizzotti (2006, p. 101), “história de vida é um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito”. Dentro desse método, o testemunho é um dos gêneros autobiográficos possíveis, baseando-se na declaração da testemunha ou protagonista de uma história, logo, um relato em primeira pessoa (CHIZZOTTI, 2006, p. 104).

Ao contar sua história, cada um expressa seu modo de conhecimento do mundo, sua interpretação da realidade e de si mesmo. Essas manifestações interessam na medida em que estão no terreno das representações, da memória e do imaginário. A maneira como a pessoa se narra, [...] como fala de situações passadas e presentes são objetos de análise. (MARTINO, 2018, não paginado)

Gobbi (2009, p. 84) explica que “as biografias são um valioso e atual campo de estudo” e que, mais importante do que a veracidade dos depoimentos, é o valor da subjetividade. A autora também ressalta que esse método, se possível, não deve se limitar aos testemunhos orais – fontes documentais como documentos oficiais, correspondências, álbuns de fotos, entre outros meios de providenciar fatos sobre a vida da pessoa ou instituição de que se pesquisa também compõe o método biográfico (GOBBI, 2009, p. 92-93). Inicialmente, os pesquisadores tinham a pretensão de analisar os processos judiciais dos personagens, porém notou-se que isso não seria possível, pois muitos desses processos ficam fora do alcance do público comum, em segredo de justiça ou arquivados, como apontou a advogada Beatriz Lorenzon. Seria necessário que um advogado fizesse o requerimento para que o grupo pudesse solicitar acesso aos documentos. Além disso, o grupo entende que essa pesquisa propõe a criação de vínculo com os personagens (o que é, inclusive, próprio do fotodocumentarismo), e que exigir uma comprovação documental poderia causar desconfiança por parte dos mesmos. Portanto, o grupo preferiu realizar entrevistas com familiares e amigos dos envolvidos, de forma a construir uma narrativa coerente por meio de testemunhos orais de pontos de vista variados.

Ao conhecer as histórias de vida por meio das entrevistas e depoimentos, os pesquisadores puderam confeccionar textos de perfil jornalístico que acompanharam a produção fotodocumental. Vilas Boas (2014, p. 271) define o perfil como “texto biográfico sobre uma – uma única – pessoa viva, famosa ou não”. O autor também ressalta que “biográfico não é biografia”, ao afirmar que a biografia é composta de vários trabalhos biográficos, logo o texto de perfil não tem o compromisso de detalhar todos os pormenores da história da pessoa a qual se refere ou aspectos familiares ou de contextualização histórica.

O texto de perfil é um gênero jornalístico amplo, mas Vilas-Boas (2014, p. 271) estabelece uma característica inegável: “tudo gira em torno do personagem central”. Esse tipo de produção textual é um retrato escrito narrado pelo seu autor a partir da técnica de entrevista, pois “através dela como instrumento metodológico foi possível angariar o espaço necessário para o jornalista buscar aproximação e narrar densamente o encontro com o seu entrevistado” (SILVA, 2010, p. 408)

Os personagens foram entrevistados no formato de entrevista semiaberta ou semiestruturada, que é um modelo que mantém foco constante no assunto, porém

permitindo liberdade ao entrevistado de acrescentar informações que não foram previamente consideradas (MARTINO, 2018, não paginado). A entrevista é uma técnica amplamente utilizada nas Ciências Sociais e Sociais Aplicadas, como Sociologia, Jornalismo, Psicologia, Educação, entre outras. Duarte (2009, p. 84) define a entrevista em profundidade como:

[...] um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Martino (2018, não paginado) defende que, na entrevista semiaberta, o pesquisador faz uso de um roteiro de perguntas, que deixam espaço para que o entrevistado desenvolva suas próprias ideias e até mesmo inclua assuntos paralelos. Assim, segundo o autor, há uma maior riqueza de informações na coleta e transcrição dos dados. Essa técnica tem o objetivo de “conhecer o pensamento do entrevistado sobre determinado assunto, dando uma margem de liberdade para suas próprias considerações e mudanças de rumo, mas sem perder o recorte específico da pesquisa” (MARTINO, 2018, não paginado).

Também foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que, na concepção de Marconi e Lakatos (2010, p. 166):

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão.

Esse tipo de pesquisa serve não apenas para familiarizar os pesquisadores com o tema que será estudado, mas permitir novas abordagens e ideias.

É fundamental a todos os demais tipos de investigação, já que não se pode proceder ao estudo de algo, sem identificar o que já foi produzido sobre o assunto, evitando tomar como inédito o conhecimento já existente, repetir estudos já desenvolvidos, bem como elaborar pesquisas desguarnecidas de fundamentação teórica. Por ser etapa obrigatória a todos os demais tipos de pesquisa, não há unanimidade entre os autores sobre a caracterização de estudos eminentemente bibliográficos como pesquisas científicas, embora esse tipo esteja presente na maioria das classificações. (MALHEIROS, 2010, p. 2)

Para a produção das fotografias, foi utilizada a observação direta simples. De acordo com Gil (2008, p. 102), esse tipo de técnica é mais adequada aos estudos qualitativos de caráter exploratório, tal como essa pesquisa.

A observação simples é muito útil quando é dirigida ao conhecimento de fatos ou situações que tenham certo caráter público, ou que pelo menos não se situem estreitamente no âmbito das condutas privadas. É, pois, muito apropriada para o estudo das condutas mais manifestas das pessoas na vida social.

Os pesquisadores acompanharam os personagens em situações do dia a dia, como trabalho e ambiente familiar, para criar um laço de confiança entre a equipe e o personagem retratado e realizar as fotografias.

A análise de dados nessa pesquisa aconteceu por meio da técnica de triangulação, que consiste no cruzamento de informações sob perspectivas variadas de forma a construir uma visão ampla do tema em estudo.

A técnica da triangulação tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social. (TRIVIÑOS, 1987, p. 138)

Além de ampliar a perspectiva na pesquisa, a triangulação também permite a verificação das evidências, o que contribui na construção de uma narrativa argumentativa na condução da investigação.

3 RECLUSÃO E RESSOCIALIZAÇÃO

Esse trabalho executou uma fotodocumentação de indivíduos que viveram situação de reclusão no sistema penitenciário, utilizando os conceitos de fotografia humanista. Contudo, antes da produção das imagens, o grupo realizou uma pesquisa bibliográfica a fim de entender quem são as pessoas que passaram por encarceramento, quais circunstâncias contribuem para levar o indivíduo ao crime, o contexto do sistema penitenciário brasileiro e a ressocialização. Essas informações, na sequência, foram necessárias para um entendimento amplo das experiências pelas quais esses seres humanos passaram, bem como para promover uma reflexão sobre a eficácia do sistema penitenciário na recuperação e reinserção dos detentos na sociedade.

Mas o que leva ao encarceramento? De forma geral, os especialistas da área criminal atribuem os níveis de crime a um conjunto de fatores, como desigualdade e exclusão social, propensão comportamental, vigilância social, entre outros, sendo um ou outro mais determinante, dependendo da visão do autor.

Segundo Shikida (2018), a pobreza não é uma das principais causas do crime. O pesquisador relata que “70% [dos presos] afirmam que é por *status* sociais e ganho financeiro. Por último aparece a pobreza e a distribuição de renda”. Pode-se observar que, mesmo que a causa indicada pelos detentos não seja a condição social propriamente dita, a busca pela melhoria da situação financeira certamente influenciou na decisão de envolver-se com o crime para essas pessoas.

Para Melo (2011), a desigualdade social em si não é causadora do crime, mas sim de alguns tipos, principalmente os contra a propriedade (roubos e furtos) e tráfico de drogas. Ele também aponta que líderes do tráfico não moram em locais de baixa condição social como favelas e periferias, mas não deixam o crime apesar disso. “Tanto pobre como rico cometem crimes, diferenciando apenas na forma” (MELO, 2011). Além disso, o autor aponta que, nos casos de crimes como roubos, é mais fácil chegar à condenação, uma vez que o ato e o autor do crime costumam ser facilmente identificáveis. Para Adorno (1995, p. 63), brancos e negros têm tendências similares a cometerem crimes violentos, porém os negros são julgados prematuramente pelo sistema judiciário.

[...] Réus negros tendem a ser mais perseguidos pela vigilância policial, revelam maiores obstáculos de acesso à justiça criminal e maiores dificuldades de usufruir do direito de ampla defesa, assegurado pelas normas constitucionais (1988). Em decorrência, tendem a merecer um tratamento penal mais rigoroso. [...]

Essa observação é reforçada pelos dados do perfil do encarcerado no Brasil, visto que 64% são negros (DEPEN, 2016). Em outro estudo, Adorno (2002, p. 87-88) argumenta que a intensificação dos conflitos sociais nas últimas décadas também agravou a questão da violência urbana.

A desigualdade de direitos e de acesso à justiça agravou-se na proporção mesma em que a sociedade se tornou mais densa e mais complexa. [...] Neste contexto, a sociedade brasileira vem conhecendo crescimento das taxas de violência nas suas mais distintas modalidades [...] Em especial, a emergência do narcotráfico, promovendo a desorganização das formas tradicionais de socialidade entre as classes populares urbanas [...].

De acordo com Mello (2001, p. 130), a exploração da força de trabalho de crianças e adolescentes também tem relação direta com a violência urbana e com a exclusão social. Muitas famílias de classe baixa dependem da contribuição de membros ainda jovens, portanto isso os afasta de ter um desenvolvimento educacional adequado.

Ainda que não haja fatores definitivos para o envolvimento de cada indivíduo com o crime, a pesquisa bibliográfica aponta que aspectos como condição socioeconômica desfavorável, dificuldade de acesso a direitos sociais (exclusão social) e a vigilância policial sobre os negros são as características que tornam a pessoa mais propensa a ser encarcerada em algum momento da vida.

3.1 Quem são?

O perfil do encarcerado no Brasil é negro (64%), tem entre 18 e 29 anos (55%), tem ensino fundamental incompleto (51%) e é solteiro (60%). Quanto à situação do processo judicial, presos provisórios (sem condenação) são 40%, enquanto julgados e condenados somam 38% (DEPEN, 2016).

Apesar de existir a obrigação do Estado em fornecer políticas assistenciais por até um ano após a liberação da unidade penitenciária¹ (BRASIL, 1984), a

1 "Art. 25. A assistência ao egresso consiste:

I - na orientação e apoio para reintegrá-lo à vida em liberdade; [...]

pesquisa bibliográfica levantada aponta que essas políticas são insuficientes. Os indivíduos que passam pelo sistema penitenciário costumam ser retratados de forma excludente pela sociedade, que os caracterizam por um acontecimento em suas vidas e não por quem são como pessoas.

O estigma de ex-presidiário acompanha o indivíduo que cumpre pena privativa de liberdade para sempre. Com o término legal da pena, está terminado o processo, mas a pena, o sofrimento e o castigo, não, porque a sociedade fixa cada um no passado; roubou, poderia roubar ainda.
(CARNELUTTI, 1995, p. 7)

A retratação da estigmatização é observada também nas artes e na literatura. A música *Homem na Estrada* (1993), do grupo de rap Racionais MC's, contém o verso: “mesmo longe do sistema carcerário / te chamarão para sempre de ex-presidiário”. A obra literária *Na Colônia Penal* (2011, Editora Companhia das Letras), de Franz Kafka, conta a história de uma prisão na qual uma máquina escreve na pele dos condenados antes de executá-los, marcando-os para sempre pelos seus crimes.

O coordenador da Execução Penal da Regional de Presidente Prudente da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, Gustavo Picchi, vê de forma negativa o uso de termos que remetem aos fatos passados na vida dessas pessoas.

Quando você sai da cadeia, você passa por um processo de estigmatização [perante a sociedade]. [...] Quando você usa o prefixo ‘ex’ alguma coisa, você está fazendo ele [o indivíduo] carregar aquela história, não como se ele tivesse cometido algo e sim como se ele fosse [...] a representação daquele ato [crime].²

Tendo isso em vista, o grupo optou por se referir a essas pessoas apenas como “pessoas” ou “seres humanos”, para evitar rotulá-los por um ato pelo qual já pagaram.

Quanto à seleção de personagens para a produção da fotodocumentação, os pesquisadores optaram por não fazer distinção quanto ao crime cometido, pena cumprida ou tempo desde que deixaram a penitenciária. Essa decisão se baseia na interpretação da pesquisa bibliográfica, que aponta que esse grupo é rotulado por

Art. 26. Considera-se egresso para os efeitos desta Lei:

I - o liberado definitivo, pelo prazo de 1 (um) ano a contar da saída do estabelecimento;

II - o liberado condicional, durante o período de prova.”

2 Informação fornecida por Gustavo Picchi em entrevista realizada em Presidente Prudente, no dia 8 de março de 2019.

seus atos. Apenas após conhecer as histórias de vida dessas pessoas, foi possível analisar criticamente suas experiências e a forma como a sociedade os tratou ao retornarem ao convívio social: se sofrem ou sofreram preconceito ou não, em que grau, quais fatores ajudaram ou atrapalharam nesse processo, entre outras variáveis ainda não previstas que surgiriam no decorrer da pesquisa. Dessa forma, não é possível saber o peso de cada circunstância, ambiente, personalidade, entre outros, antes de conhecer completamente a história vivida por cada retratado.

3.2 O que ressocializar quer dizer?

O sistema carcerário como conhecemos hoje surgiu no fim do século XVIII e princípio do século XIX, primeiramente como uma instituição na qual os condenados aguardavam as punições físicas ou capitais (suplícios) e, posteriormente, como a própria punição privativa de liberdade. “A obviedade da prisão se fundamenta também em seu papel, suposto ou exigido, de aparelho para transformar os indivíduos” (FOUCAULT, 1987, p. 196).

A ressocialização é o processo de recuperação do criminoso no sentido de prover as ferramentas necessárias para que ele possa voltar ao convívio em sociedade e não retorne ao crime, atingindo plenamente o seu “ser social”. Aristóteles (19-- , p. 15), no seu livro Política I, já dizia que “o homem é um animal social”, portanto, que necessita da convivência em sociedade. Na definição de Albergaria (1992, p. 139), ressocializar é reeducar socialmente o condenado:

É educação tardia do adulto, que não logrou obtê-la em época própria. Nesse sentido, coincidem educação e reeducação. Já conceituou-se a educação como instrumento de sobrevivência da sociedade e fator de realização do homem como indivíduo e ser social.

Uma das práticas mais comuns, já existente no Brasil desde 1850, foi a introdução do trabalho nas prisões. Inicialmente como um benefício, hoje está consolidada na Lei de Execução Penal³ (BRASIL, 1984) e garante remuneração e remição de pena por tempo de trabalho. Julião (2011, p. 204) argumenta que o trabalho no sistema carcerário tem a função de evitar o ócio e seguir a lógica capitalista de produção, e não necessariamente de recuperar o indivíduo preso:

³ “Art. 28. O trabalho do condenado, como dever social e condição de dignidade humana, terá finalidade educativa e produtiva.”

É importante ressaltar que as empresas que trabalham com a mão de obra carcerária obtêm incentivos fiscais e não arcam com impostos trabalhistas sobre cada interno, além de obter benefícios, tais como não pagamento de água, luz e aluguel dos espaços utilizados dentro das Unidades Penais. Como podemos observar, o preso se torna uma mão de obra barata para as empresas.

A ideia de transformação do indivíduo preso em mão de obra a serviço do capitalismo já era presente nos estudos de Foucault, que fez o paralelo da rotina da cadeia (horários rígidos) com a fábrica do período da Revolução Industrial.

O trabalho penal deve ser concebido como sendo por si mesmo uma maquinaria que transforma o prisioneiro [...] em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade. A prisão [...] tem que ser em si mesma uma máquina de que os detentos-operários são ao mesmo tempo as engrenagens e os produtos. [...] Fabricação de indivíduos-máquinas, mas também de proletários. (FOUCAULT, 1987, p. 203-204)

Essa concepção também estabelece que, ao remunerar os detentos, cria-se “amor e hábito” ao trabalho e ensina-se o sentido de propriedade (FOUCAULT, 1987, p. 204). O problema é que, segundo o autor, essa forma de “recuperação” não é nada além de dominação do indivíduo por parte do Estado. Para Foucault (1987, p. 204), o trabalho na prisão não serve para formar uma habilidade útil no indivíduo – apenas para estabelecer uma relação de poder e o ajustamento do criminoso a um aparelho de produção, hábito que poderá ser reproduzido quando ele terminar de cumprir sua pena.

Como alternativa ao trabalho como ferramenta de transformação e recuperação, Julião considera a educação mais eficiente. Em junho de 2011, a Lei de Execução Penal foi alterada (AGÊNCIA..., 2016), permitindo a remição de pena por tempo de estudo ou leitura.

Cabe assinalar que a importância da educação nos presídios vem ao encontro de duas finalidades tão privilegiadas pela sociedade: coibir a ociosidade nos presídios, que, segundo alguns estudos, gera maior propensão à reincidência, e dar ao condenado a oportunidade de, em futura liberdade, dispor de uma opção para o exercício de alguma atividade profissional, para a qual seja exigido um mínimo de escolarização. Assim, a opção por tirar uma grande massa da população carcerária que está na ociosidade, colocando-a em salas de aula, não constitui privilégio – como querem alguns –, mas proposta que atende aos interesses da sociedade. (JULIÃO, 2011, p. 212)

Educadores que atuam no sistema penitenciário defendem uma educação que não apenas transfira conhecimento para o condenado, mas o torne protagonista da sua mudança no âmbito social. Não só tendo acesso ao estudo que não teve antes do crime, mas que por meio dessa oportunidade o indivíduo possa analisar, compreender e atuar sobre sua história e seu papel na sociedade e assim ser capaz de ser reeducado de fato.

Pensar a educação escolar no presídio significa [...] refletir sobre sua contribuição para a vida dos encarcerados e da sociedade em geral, por meio da aprendizagem participativa e da convivência fundamentada na valorização e no desenvolvimento do outro e de si mesmo.
(ONOFRE, 2007, p. 23)

Um dos desafios, porém, é a arquitetura e estrutura das prisões e funcionamento das escolas dentro delas, estas que, similares às fábricas do período da revolução industrial, se baseiam em setorizações que segregam, em vez de unificar ou promover acessos.

3.3 A pena privativa de liberdade como ferramenta ressocializadora

Segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (ZAMPIER, 2015), 24,4% dos indivíduos voltam à cadeia em até cinco anos após o cumprimento da pena para uma segunda condenação. A pesquisa diz ainda que o reincidente é, majoritariamente, do sexo masculino, jovem, de baixa escolaridade e possui ocupação. A maioria dos crimes de reincidência é contra a propriedade, como roubo e furto, com 50,3% (contra 39,2% entre os primários) e de aquisição, porte e consumo de drogas, com 7,3% (primários são 3,2%). A alta taxa de reincidência sugere a ineficácia da pena privativa de liberdade na ressocialização dos indivíduos presos. Segundo o estudo a seguir, o ambiente da cadeia não é favorável às transformações que ele surge para promover.

Em 1971, o Experimento da Prisão de Stanford (LEITHEAD, 2011) evidenciou que as situações de poder que se estabelecem no ambiente penitenciário causam transformações psicológicas intensas nos envolvidos, presos e guardas. O estudo foi conduzido pelo professor de psicologia Philip Zimbardo, da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Ele e sua equipe simularam uma situação realista

de unidade penitenciária. Metade dos voluntários serviria ao papel de prisioneiros, enquanto a outra metade faria o papel dos guardas.

A partir do segundo dia, os participantes começaram a internalizar os personagens e a agir de acordo com o papel designado a cada um. Os “presos”, que eram tratados de forma ríspida e apenas pelos seus números de identificação, rebelaram-se e barricaram as celas. Os “guardas” viram isso como um desafio à autoridade e começaram a se impor. Eles ordenaram que os “presos” retirassem as roupas e os obrigaram a fazer exercícios usando sacos sobre a cabeça, como forma de humilhação. Também passou a ser rotina a interrupção do sono dos detentos voluntários.

O experimento, que estava programado para durar duas semanas, foi encerrado prematuramente após seis dias, por medo dos pesquisadores de que pudesse haver sequelas psicológicas graves causadas pela situação de extremo estresse. “O estudo é uma demonstração clássica do poder das situações e sistemas que [...] transformam as pessoas” (ZIMBARDO, 2011). A esse processo psicológico, especialistas atribuem a relação de identificação do detento com o crime.

Sá (2007, p. 143) critica a pena privativa de liberdade e a classifica como um “desserviço” ao condenado, ao impor sobre ele a culpa do ato criminoso, o que leva a uma autocensura, ao rebaixamento da autoestima e ao autoaniquilamento.

Ora, como uma pessoa pode conviver tranquilamente com tal sentimento? A tendência do ego será a de providenciar algum mecanismo de defesa para ‘resolver’ essa situação de conflito interno. [...] Uma delas [soluções] [...] consiste em o indivíduo projetar a própria culpa interna nos outros, na sociedade, no ambiente. [...] Só que, não reconhecendo a própria culpa, o indivíduo não tem como redirecionar sua conduta. (SÁ, 2007, p. 143)

Por outro lado, o autor diz que, mesmo se houver um reconhecimento da culpa por parte do criminoso, não há garantia de que a punição por si só será o bastante para que o indivíduo não cometa um crime novamente. O “criminoso”, de forma contraditória, como forma de “provar” a si mesmo e à sua consciência que o ato que cometeu não é reprovável, tende a cometer novamente um crime. Isso acontece porque a lógica do inconsciente foge à lógica da razão (SÁ, 2007, p. 143). Dessa forma, pode-se argumentar que punições que buscam apenas o “castigo” do

criminoso (como eram os suplícios no século XVIII e séculos anteriores) não são benéficos nem ao indivíduo e nem à sociedade.

Para Foucault (1987, p. 231), o “fracasso” da prisão não é por acaso. O autor aponta o paradoxo da pena privativa de liberdade como punição como uma forma de reproduzir a “delinquência” (ilegalidade institucionalizada), que é uma versão menos perigosa do crime e mais fácil de ser vigiada. Esse sistema é útil às classes dominantes pois é possível observar que, historicamente, as grandes revoluções, em especial as executadas por movimentos sociais, sempre tiveram em seu meio práticas consideradas criminosas – depredações, rebeliões, motins, assassinatos de líderes – mas que reuniam-se em torno de uma causa e em função dela (FOUCAULT, 1987, p. 229).

[...] mantidos pela pressão dos controles nos limites da sociedade, reduzidos a precárias condições de existência, sem ligação com uma população que poderia sustentá-los (como se fazia antigamente para os contrabandistas ou certas formas de banditismo), os delinquentes se atiram fatalmente a uma criminalidade localizada, sem poder de atração, politicamente sem perigo e economicamente sem consequência. (FOUCAULT, 1987, p. 231)

Dessa forma, a prisão, ao “fracassar” em ressocializar, cumpre integralmente seu objetivo de instrumento de controle, por impedir que essas transgressões menores da lei (roubos, pequenas violências, recusas da lei) resultem em formas amplas de manifestação.

O fato de ter passado pela situação de reclusão, como argumenta Seron (2017), se torna uma “marca” no indivíduo e serve como elemento de controle e de exclusão social. Entre as dificuldades no retorno à sociedade,

[...] se destacam a marginalização do indivíduo condenado, as condições do ambiente prisional, o estigma negativo de ex-presidiário, a dificuldade de (re)inserção no mercado de trabalho e, especialmente, a ausência de suportes psicossocial e institucional. (SERON, 2017)

As normas da Corregedoria de Justiça do Estado de São Paulo reforçam a concepção de que o indivíduo que terminou o cumprimento da pena nada deve perante a sociedade e não pode ser marginalizado, na forma dos artigos 927⁴

4 “Art. 927. As certidões criminais serão expedidas com a anotação NADA CONSTA, nos casos a seguir enumerados:

[...] IX – pena privativa de liberdade cumprida, julgada extinta ou que tenha sua execução suspensa;

(CORREGEDORIA, 2013), que trata da ficha criminal (ou “folha-corrída”), e do o artigo 550⁵ (CORREGEDORIA, 2013), sobre reestabelecer os direitos políticos. Esse conjunto de ações caracteriza a concepção de que a pessoa que cumpriu pena em estabelecimento penitenciário está isenta com a sociedade e não deve mais ser julgado pelo ato que cometeu.

Conforme foi apresentado, há uma linha de pensamento que trabalha que questiona a lógica da punição dos crimes, considerando a pena privativa de liberdade uma ferramenta ineficaz, se não prejudicial. Com a execução desse trabalho, os pesquisadores conheceram histórias de pessoas que vivenciaram a reclusão e puderam promover uma reflexão sobre a eficiência do sistema penitenciário.

5 “Art. 550. A extinção da punibilidade do condenado, pelo cumprimento da pena ou por outro motivo, será comunicada ao Tribunal Regional Eleitoral para as providências do art. 15, inciso III da Constituição Federal. [...]”

4 QUEM SÃO OS PERSONAGENS

As pessoas que serão retratadas no fotolivro passaram por situações de reclusão no sistema penitenciário. Para a seleção dos personagens, não foi feita distinção entre tipos de crime ou período desde que deixaram o sistema, pois como foi estabelecido, o estigma permanece para sempre com essas pessoas.

4.1 Jurandir Mendes

A vida de Jurandir foi difícil desde o seu nascimento, a mãe havia ficado viúva há pouco tempo e possuía três filhos desse primeiro casamento. A gravidez que lhe gerou não foi planejada e seu pai biológico não o assumiu.

Durante sua infância, passou por diversas dificuldades, foi preciso enfrentar os traumas de seus irmãos mais velhos que desenvolveram sonambulismo após a perda do pai e os problemas financeiros. Ainda nessa fase Jurandir começou a trabalhar com sua mãe na roça.

Foi no começo da adolescência que conheceu a vida nas ruas e começou a se envolver com as drogas e o álcool. Nessa mesma época foi expulso de três escolas e, sem enxergar outra alternativa, sua mãe o mandou para viver com um tio na cidade de São Paulo, pois acreditava ser uma saída para que Jurandir mudasse o seu comportamento.

Nesse momento ele passa a conviver diretamente com o crime e o que era para ser uma forma de recuperá-lo acabou o inserindo na criminalidade.

Aos 17, retornou a Pirapozinho e continuou a cometer crimes, como pequenos roubos e tráfico de drogas. Apesar da pouca idade, com a qual passou a cometer delitos, demoraram dez anos até que ele fosse preso pela primeira vez.

Jurandir tinha 27 anos quando enfrentou a reclusão, acusado de tráfico de drogas. Foram sete meses preso, período no qual recebia visitas apenas de sua irmã mais velha.

Após conseguir a liberdade, se envolveu novamente com as drogas e foi expulso de casa. Foi nesse período que conheceu Alessandra, com quem se casou poucos meses depois.

Jurandir conseguiu um emprego em uma charqueada, vivia com a esposa, o filho do casal e sua enteada, porém, a relação com Alessandra sempre foi conturbada. Em uma noite, no ano de 2017, durante uma discussão, acabou por agredi-la e foi preso novamente, dessa vez enquadrado pela lei Maria da Penha.

Condenado a uma pena de seis anos cumpriu apenas cinco meses, foi quando conseguiu o direito de responder ao restante do processo em liberdade.

Enquanto estava preso conseguiu o perdão de sua esposa, com quem reatou o relacionamento.

Após conseguir a liberdade perdeu o emprego no qual trabalhava e até o momento não conseguiu uma nova colocação no mercado de trabalho. Jurandir teve que lidar com o preconceito até mesmo dentro da igreja em que congregava.

Hoje vive de bicos e da ajuda que tem da família. Jurandir encontra na fé a força para enfrentar as dificuldades e é membro ativo na igreja que frequenta.

4.2 Fabiano Fernandes

Fabiano precisou lidar com a violência doméstica durante a infância e começou a trabalhar cedo para ajudar a família. Não teve nenhum envolvimento com o mundo do crime durante sua juventude, porém, em um determinado momento da vida acabou seduzido pela ideia de dinheiro fácil que o tráfico lhe apresentava, como afirmou.

Ele, que nessa época tinha um trabalho fixo, foi preso graças a um grampo telefônico que identificou negociações que ele realizava com seus clientes.

Foram quatro anos de pena cumpridos em diferentes penitenciárias por todo o Estado de São Paulo. Durante esse período vivenciou momentos de terror ao presenciar execuções e rebeliões.

Quando foi liberto Fabiano decidiu mudar de vida e não retornar ao mundo do crime. Conseguiu voltar ao emprego na madeireira em que trabalhava antes da prisão.

Com um voto de confiança, conseguiu a oportunidade e, algum tempo depois, foi promovido a encarregado do setor de carga e descarga de produtos. Mas apesar de não ter tido dificuldade para se reestabelecer no mercado de trabalho ele precisou lidar com os comentários que ouvia das pessoas sobre ser um ex-

presidiário, ele conta que eles aconteciam principalmente nos locais e estabelecimentos que costumava frequentar antes de ser preso.

Hoje Fabiano é pai de duas filhas, nascidas durante seu primeiro casamento, vive com sua mãe e as crianças e tem uma namorada, além de seguir estável em seu emprego.

4.3 Itamar Xavier

Nascido em São Paulo no ano de 1979, Itamar enfrentou dificuldades durante toda a infância. Saiu da casa dos pais e foi morar com os tios que o criaram até os 13 anos e, em seguida, foi viver com a avó.

Aos 13 anos começou a cometer os primeiros crimes que envolviam roubo e participação de quadrilhas. Sua primeira passagem pelo sistema de reclusão foi aos 16, mas ele não ficou preso durante muito tempo.

Aos 22 anos, Itamar foi reconhecido por uma das vítimas de seus assaltos e com isso passou cinco anos em cárcere.

Transferido para uma penitenciária na região de Presidente Prudente ele acabou por se estabelecer na cidade após conseguir a liberdade. Porém, pouco tempo depois, foi novamente preso, mas dessa vez foi absolvido.

Itamar enfrentou muita dificuldade para conseguir emprego após sair da prisão pois, graças a sua ficha criminal, acabou perdendo oportunidades.

Foi nessa época que conheceu Adriana, que o levou para conhecer a igreja. Alguns anos depois, casaram.

A ajuda que recebeu dos membros da igreja foi determinante para a mudança de vida pela qual Itamar passou. Decidido a se reestabelecer ele voltou a estudar.

Após terminar o curso de supletivo conseguiu uma bolsa na Universidade do Oeste Paulista, onde cursou Pedagogia. Itamar nunca mais parou de estudar, já fez duas Pós-Graduações, diversos cursos e hoje possui o título de Mestre em Educação, o qual foi conquistado no ano de 2018 também na Universidade do Oeste Paulista.

Itamar também se dedica a projetos sociais, nos quais ensina a arte do grafite para as crianças.

Anos após todas as dificuldades que enfrentou, publicou um livro onde conta sua trajetória. Ainda, palestra contando suas experiências de vida e, dessa forma, busca inspirar outras pessoas, principalmente aquelas que passam pelas mesmas situações.

4.4 Marcelo Cavalcanti

Marcelo nunca imaginou que entraria para o mundo do crime. Vindo de uma família estruturada, nunca teve envolvimento com as chamadas “más companhias”, ou com delitos.

Os maiores problemas enfrentados eram os financeiros, mas nunca se deixou abalar por eles. Durante a juventude fazia trabalhos de evangelização na igreja que frequentava e durante esse período conheceu vários ex-presidiários.

A situação mudou quando ele presenciou uma traição por parte de sua primeira esposa, que se relacionou com seu irmão. Ele então se descontrolou, agrediu a mulher e jurou ela e seu irmão de morte. Não cumpriu as ameaças, mas disse que naquele momento perdeu toda sua fé.

Marcelo, então recém-divorciado e cuidando dos filhos pequenos, saiu da igreja e começou a se relacionar com pessoas que o levaram a entrar para o crime. Durante um ano e meio praticou diversos tipos de delitos dentre os quais incluem-se delitos como assaltos, tráfico de drogas e armas e até mesmo assassinato.

A condenação chegou a um total de 47 anos, dos quais 15 foram cumpridos.

Durante um curto período dos anos que passou preso, Marcelo passou por um relaxamento de processo que o permitiu passar alguns meses em casa. Foi durante esse tempo que conheceu Angelita, com quem se casou e hoje tem uma filha.

Pouco tempo depois ele voltou novamente à penitenciária, onde cumpriu mais uma parte da pena antes de conseguir o direito de responder pelo restante do processo em liberdade.

Ao sair da prisão enfrentou grandes dificuldades para se estabelecer novamente no mercado. O preconceito por ser ex-presidiário lhe fechou muitas portas.

Quando a situação financeira já estava crítica e as dificuldades começavam a chegar em sua casa, Marcelo decidiu começar seu próprio negócio, uma empresa na área da construção civil.

Hoje não gosta muito de expor às pessoas com quem trabalha sobre seu passado, mas não se envergonha dele, pois acredita ter aprendido muito com as dificuldades que enfrentou e agora vive bem com a esposa, a filha caçula e a enteada.

Durante o tempo em que esteve preso, Marcelo reencontrou sua fé e ainda dentro da penitenciária começou a ensinar teologia, além de dar aulas de português, matemática e música, e após sair em liberdade voltou a congregar em uma igreja, a qual não frequenta mais pois está em busca de outra.

4.5 André Guimarães

André nasceu em 1993 e sempre pôde contar com o amor e o apoio dos pais. O lar estruturado sempre garantiu para ele uma infância tranquila. Até o Ensino Médio foi um aluno exemplar e que sempre estava em busca de boas notas. Foi que começou a se envolver com o mundo das drogas e, pouco tempo depois, André entrou para o tráfico.

Ele vendia crack e, por muitas vezes, se questionou sobre o porquê de fazer aquilo. Tinha consciência de estar destruindo sua vida e a dos outros, mas a ideia de dinheiro fácil falou mais alto.

Em um determinado momento decidiu abandonar o tráfico e se dedicar a profissão de tatuador, mas após realizar um trabalho, aceitou receber o pagamento em drogas, que usaria para consumo próprio. Nesse momento, ele, o amigo que havia tatuado e um menor de idade foram presos em flagrante.

André foi condenado por tráfico, associação e corrupção de menores. Ele tinha 18 anos na época e passou dois anos e oito meses preso.

Teve a sorte de contar com o apoio da família que sempre esteve ao seu lado, o visitando e dando apoio.

Liberto em 2015, poucos dias após ao Dia das Mães, chegou de surpresa em casa e foi recebido de braços abertos pelos pais. Mas ainda havia um obstáculo a ser enfrentado: o preconceito.

André teve grandes dificuldades para encontrar emprego. Ele, que tinha pouca experiência no mercado de trabalho, viu muitas portas se fecharem devido ao fato de ter passado pelo sistema penitenciário.

Mas com a ajuda do pai, que o indicou para uma vaga em seu trabalho, conseguiu um emprego em uma madeireira, na qual já trabalha a quatro anos. O local conta com outros funcionários que já passaram pela mesma situação que ele.

Atualmente, André vive com a namorada e segue em seu trabalho. Começou a frequentar a igreja dos pais, que ainda o apoiam incondicionalmente e buscam sempre ajudá-lo da melhor maneira possível a seguir em frente.

5 FOTOJORNALISMO E FOTODOCUMENTAÇÃO

Hoje compreendida como uma ferramenta informativa tão importante quanto o texto, a fotografia já sofreu resistência a ser usada em veículos de comunicação. Os editores do fim século XIX e início do século XX “desvalorizavam a seriedade da informação fotográfica” (SOUSA, 2002, p. 13). Além disso, a cultura jornalística dominante da época favorecia muito mais o texto à imagem. Foi em 1904 com o Daily Mirror, primeiro tabloide fotográfico, que as fotografias passaram a assumir um papel menos de coadjuvante na transmissão da informação e mais de igualdade com o texto de notícia (SOUSA, 2002, p. 13).

No começo do século XX, as fotografias eram frequentemente posadas e com motivos centralizados pois, por limitações tecnológicas, o fotógrafo não tinha facilidade em conseguir registros espontâneos. Consequentemente, o fotojornalista resumia sua cobertura em uma única foto, que Sousa (2002, p.14) chama de “a doutrina do *scoop*”. Com o surgimento de câmeras mais compactas e ágeis, tornou-se possível realizar registros espontâneos com mais frequência, o que gradativamente mudou a cultura de imprensa, que passou a valorizar a naturalidade nas fotografias (SOUSA, 2002, p. 14). Essa cultura imagética de representação do real viria a ser a fundação do fotojornalismo moderno.

Esse fotojornalismo teve origem na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial (SOUSA, 2002, p. 17), com a popularização das revistas ilustradas nas décadas de 1920 e 1930, que eram veículos de imprensa nos quais a fotografia era protagonista na comunicação da informação. A partir deste momento, entende-se que a fotografia não é mais um complemento da notícia, mas parte dela, e essencial para a transmissão da informação.

Nas décadas de 1940 e 1950, as revistas especializadas em fotojornalismo popularizam-se por todo mundo. Nessa época, ainda devido a algumas limitações de equipamento, surge a ideia do “momento decisivo”, ou seja, a oportunidade única de se registrar o momento (MONTEIRO, 2016, p. 68).

O fotojornalismo passaria ainda por mais dois grandes momentos de mudança. O primeiro na década de 1970, com a Guerra do Vietnã e a competição

imagética com a televisão (SOUSA, 2002, p. 24). As revistas especializadas entram em declínio e os profissionais passam a atuar em agências. Essas organizações se tornam “verdadeiras fábricas de fotografias” e esse fenômeno, aliado ao desenvolvimento tecnológico na qualidade de impressão, vai ocasionar uma segmentação nos mercados de comunicação social e ao aumento da atenção dada ao design gráfico (SOUSA, 2002, p. 25-26).

O surgimento dos computadores e a crescente preocupação com o design gráfico marcam a terceira “revolução” fotojornalística, nos anos 90 (SOUSA, 2002, p. 29-32). Com o advento de novas ferramentas de tratamento e manipulação de imagem, a preocupação com a credibilidade das produções se torna mais intensa. A facilidade de registro e compartilhamento também ganha atenção neste momento.

Da década de 1980 até a contemporaneidade, nota-se um afastamento da relação de compromisso da foto com o fato. “Os fotodocumentaristas têm assumido abertamente a subjetividade do olhar, a invenção e criação de realidades, o que permite [...] diferentes interpretações sobre os temas abordados” (CASTANHEIRA, 2013, p. 2). Isso não representa necessariamente uma manipulação negativa da informação imagética, mas uma forma de se construir a narrativa pretendida usando de fatos e circunstâncias reais.

5.1 Origem e função social do fotodocumentarismo

No século XIX, o fotojornalismo já era um importante recurso de registro de conflitos e guerras. A fotodocumentação surge paralelamente, com foco em temas sociais, mas sem o mesmo prestígio por parte da imprensa, que estava mais interessada em fotografias de guerra (FERREIRA; COSTA, 2009, p. 215).

A fotodocumentação se assemelha à produção fotojornalística da imprensa tradicional no seu compromisso com a veracidade dos fatos e diferencia-se no sentido tipológico. Segundo Sousa (2002, p. 8), o fotodocumentarista trabalha em termos de projeto fotográfico, enquanto o fotojornalista raramente sabe o quê e em quais condições vai fotografar antes de chegar ao local do trabalho. Antes de iniciar o trabalho fotodocumental, é necessário que o fotógrafo já conheça de antemão o objeto que vai registrar e se planeje antecipadamente, na concepção de Lombardi (2007, p. 34):

Chamamos de documental o trabalho fotográfico que começa a ser desenvolvido a partir de um projeto elaborado, que requer algum tipo de apuração prévia, estudo, conhecimento e envolvimento com um tema. A fotografia documental se refere, portanto, a projetos de longa duração, que não sejam apenas o registro momentâneo e de passagem sobre determinado assunto.

Além disso, as diferenças também se manifestam na abordagem: a fotodocumentação se interessa mais por retratar os fenômenos estruturais do que a conjuntura noticiosa. Como consequência, ela se distancia dos prazos de produção mais curtos do jornalismo diário e abre mais possibilidades de circuitos de distribuição, entre eles a galeria, o museu e o livro (MONTEIRO, 2016, p. 71).

Quanto aos tipos de assuntos abordados pela fotodocumentação, Lombardi (2007, p. 37) cita áreas relacionadas principalmente ao ser humano, sua dor e sofrimento, e suas relações entre si e com a sociedade. A autora define esse tipo de produção:

A fotografia documental tem como proposta narrar uma história por meio de uma sequência de imagens. Com sua especificidade centrada na aliança do registro documental com a estética, ela assume a função de fazer a mediação entre o homem e o seu entorno. É, portanto, problematizadora da realidade social, e ao mesmo tempo, reivindicadora de um modo próprio de expressão. (LOMBARDI, 2008, p. 37)

Outro aspecto relevante da fotodocumentação é a atemporalidade. Sousa (2002, p. 9) afirma que “os temas fotodocumentalísticos são tendencialmente intemporais, abordando todos os assuntos que estejam relacionados com a vida à superfície da Terra e tenham significado para o Homem”.

Um dos precursores dessa vertente foi John Thomson, que publicou em 1862 *Street Life in London*, uma série de imagens retratando as condições de vida dos londrinos da época, acompanhada de textos explicativos, estabelecendo a fundação para esse tipo de fotodocumentário de denúncia.

O início [...] do gênero documental na fotografia é marcado historicamente pela representação de grupos economicamente desfavorecidos como, por exemplo, operários, moradores de rua, imigrantes nas grandes metrópoles e famílias camponesas em deslocamento no interior dos Estados Unidos. Também chamados de vítimas da sociedade. (CASTANHEIRA, 2013, p. 2-3)

A figura abaixo retrata a situação de moradores que enfrentavam uma inundação na capital inglesa e a falta de infraestrutura que atingia certas classes

sociais. Apesar de a foto dividir o espaço entre ambiente e personagens, ela carrega em si destaque às emoções dos retratados, intensificadas pelo uso do contraste.

FIGURA 1 - "Sufferers from the floods" (Sofredores das inundações)



(Foto: John Thomson)

(Fonte: <http://www.imperioetro.com/2016/03/serie-de-fotografias-historicas-retrata.html>)

Por volta de 1930, a fotodocumentação começa a se estabelecer como uma forma de produção sólida (LOMBARDI, 2008, p. 37). Porém, na década de 1950, acontece um afastamento da busca pela transformação social, até então característica essencial dos documentários fotográficos. Os fotógrafos da época ficaram desencantados com os ideais de reforma que sustentavam esse tipo de

produção, pois não viram resultados sociais expressivos nas gerações anteriores (LOMBARDI, 2008, p. 39).

Nesse período, surgem fotógrafos menos preocupados com a construção de discussões ou denúncias sociais e até mesmo do registro de momentos significativos (LOMBARDI, 2008, p. 40). Um dos principais nomes dessa vertente é Robert Frank, que buscou retratar banalidades do cotidiano dos Estados Unidos, dando ar altamente interpretativo às suas fotografias. Na foto abaixo, Frank retrata pessoas paradas à janela de seus apartamentos observando um desfile, com a bandeira americana centralizada.

FIGURA 2 - “Parade” (Desfile)



(Foto: Robert Frank)

(Fonte: <https://www.nytimes.com/interactive/2015/07/02/magazine/robert-frank-the-americans.html>)

A preocupação com o engajamento social é resgatada no final do século XX, período a partir do qual consideramos o fotodocumentarismo atual que, segundo Sousa (2002, p. 28), promove a ação consciente no meio social e busca construir sentidos mais objetivos e definidos, menos passíveis de interpretação. Essa forma de fotodocumentação é mais similar aos clássicos anteriores a 1930 do que em períodos mais recentes de meados do século XX.

[...] a fotografia documental vem se transformando técnica e esteticamente, principalmente a partir dos anos 1950. Dentro do modelo clássico dos anos 1930, os pioneiros do gênero acreditavam na fotografia engajada e testemunhal enquanto registro objetivo e representação da realidade e a usavam como instrumento de denúncia e reforma social em seus projetos de caráter humanista para “reproduzir”, com frequência, cenas das condições sociais do homem no mundo que, pensavam, deveriam mudar. (CASTANHEIRA, 2013, p. 5)

O fotodocumentarismo contemporâneo difere do clássico ao deixar de ser uma retratação que depende da iniciativa do fotógrafo. Nessa nova modalidade, o retratado não é mais vítima passiva da sociedade no processo documental, e sim protagonista da sua transformação (FERREIRA; COSTA, 2009, p. 217). A partir da produção documental onde os personagens também são atores sociais, é possível criar discussões que aproximem os olhares das pessoas na sociedade.

Podemos falar que a representação fotográfica do mundo social politiza o espectador de imagens no sentido de que essa modalidade de enunciação visual interfere em seu modo de ver o mundo. A fotografia faz ver para fazer crer. (MACHADO, 2012, p. 41)

Por vezes, uma determinada fotodocumentação é capaz de engajar mobilização social por parte dos vários setores da sociedade ao construir uma narrativa coerente a partir dos diversos olhares que a compõe – e não apenas o do documentarista.

No entanto, uma das maiores críticas a esse posicionamento é o que de a fotografia como expressão visual é objetiva pois, teoricamente, registra os objetos tais quais eles existem no mundo real, bem como pressupõe-se uma “não-interferência” por parte do fotógrafo. Esse tipo de argumentação falha em levar em consideração que a câmera não fotografa sozinha – um ser humano precisa estar no local, posicioná-la e apertar o botão. “A produção da imagem fotográfica de uma realidade social sempre implica que o ato fotográfico constitui um julgamento da realidade representada” (MACHADO, 2012, p. 43). Ao escolher o objeto, enquadramento, ângulo, cor, entre outros elementos da linguagem fotográfica (de forma consciente ou não), o fotógrafo reinterpreta a realidade que registra através da sua lente e pode causar efeitos diferentes no leitor da imagem.

A mínima mudança de uma delas [escolhas que participam da composição da imagem] levaria a um resultado fotográfico diferente, o que interferiria não somente no modo de apreensão e compreensão do espectador, mas também em seu modo de sentir. (MACHADO, 2012, p. 43)

Portanto, ao selecionar conscientemente o tema social de seu trabalho, o fotodocumentarista busca engajamento político por meio de sua obra. Essa característica é da natureza do fotodocumentário social.

[...] esse novo fotodocumentarismo é composto de múltiplas vozes da comunidade, construído com olhar de sujeitos pertencentes à comunidade que está sendo retratada, sendo possível gerar um trabalho fotodocumental rico em identidade e com maior envolvimento entre fotógrafos e comunidade fotografada, fugindo das imagens estereotipadas que normalmente são veiculadas na mídia tradicional. (FERREIRA; COSTA, 2009, p. 218-219)

Pode-se compreender que a participação ativa dos personagens é essencial para uma retratação imagética significativa em fotodocumentações de temas sociais, mas nem por isso deve-se desvalorizar a figura do fotógrafo. O olhar treinado e intuitivo permite a captação do sentimento na fotografia, que é essencial para atingir o leitor. Esse momento-chave do registro é o que Cartier-Bresson chama de “instante decisivo” (ALVES; CONTANI, 2008, p. 130).

FIGURA 3 - “Beijo no café”.



(Foto: Henri Cartier-Bresson).

(Fonte: www.google.com.br)

De acordo com Alves e Contani (2008, p. 135), o instante decisivo não é formulaico – deve ser sentido, afinal “sentimentos são ícones [semióticos]”. Dessa forma, sentimentos podem ser reconhecidos e lidos na linguagem fotográfica.

5.2 Linguagem e técnicas fotográficas

Ao produzir esse trabalho, a subjetividade foi elemento essencial ao lidar com pessoas em contextos de vulnerabilidade e estigmatização. A manifestação da intencionalidade dos fotógrafos acontece por meio da escolha de técnicas e linguagem utilizadas nas fotografias.

Se há linguagem, entende-se que é possível fazer leituras e, portanto, há uma “escrita”. Como definida por Sousa (2004, p. 35), “fotografia significa escrever (grafia) com a luz (foto)”. Boni (2000, p. 49) aborda essa ideia ao afirmar que “a linguagem é, em primeira instância, a base para a leitura”, logo, assim como no texto, onde as palavras criam significado, na fotografia são os elementos visuais que permitem a interpretação. Ao categorizar a imagem como uma espécie de “texto”, entende-se que ela pode ser lida e interpretada, da mesma forma que se faz com frases num papel. Ao produzir as fotografias de retrato dos personagens em suas vidas cotidianas, os pesquisadores buscaram representar essas vidas e personalidades, de forma a ilustrar os textos de perfil que foram baseados em depoimentos.

É preciso levar em consideração a importância do saber da escrita icônica, que se caracteriza pela relação de construção entre significantes e significados. Boni (2000, p. 17) afirma que, embora os significantes sejam convencionados culturalmente dentro de um grupo ou sociedade, cada indivíduo pode proceder à leitura de uma forma diferente, baseando-se no seu próprio repertório sígnico. Já Persichetti (2012, p. 204-205) afirma que:

Há tempos a semiótica nos vem ajudando a compreender que a significação das mensagens fotográficas é culturalmente determinada e que sua recepção necessita de códigos de leitura. Lembramos do caráter ambíguo e polissêmico da fotografia. Seguindo as linhas teóricas da semiótica, e pensando nela como vestígio do real (portanto indiciária), a fotografia afirma a existência, mas, por ser representação, é sempre também uma ficção.

Apesar das ferramentas de construção à disposição do fotógrafo, não há garantias que o leitor seguirá o caminho interpretativo que foi pensado no momento do clique da câmera, afinal, a leitura da imagem depende do repertório cultural e subjetividade de cada leitor (BRESSAN; BONI, 2011, p. 29-31). Como define Persichetti (2012, p. 196): “ler uma imagem é atribuir-lhe significados. [...] É imprimir sentido ao que foi construído imagetivamente”. Logo, os autores estabelecem que o significado da imagem é dependente da visão do seu leitor. Já Lima (1988, p. 14) argumenta que, além da carga cultural individual, a historicidade do objeto também tem papel fundamental.

É difícil imaginar que possamos ler uma imagem sem conhecer a história que a envolve. Isso é válido tanto para uma fotografia de família como para uma fotografia de imprensa ou mesmo para uma fotografia histórica. Esses conhecimentos prévios se fazem visíveis quando na fase de interpretação do fato registrado em imagem.

A expressão da linguagem fotográfica toma forma com recursos que, embora não definitivos e não exatos, uma vez que a leitura da imagem é individualizada e subjetiva, ajudam o fotógrafo a imprimir na imagem que registra sua mensagem e sua intencionalidade.

Os pesquisadores utilizaram como referências produções fotodocumentais como as exemplificadas anteriormente neste capítulo, mas sem abandonar a experimentação para construir uma narrativa que seja capaz de traduzir a visão dos fotógrafos.

5.2.1 Composição

Uma vez definida a mensagem que se deseja transmitir, é necessário selecionar quais elementos visuais estarão presentes na imagem e como estarão dispostos.

De acordo com Sousa (2002, p. 80), “a forma mais comum de compor uma fotografia é colocar o motivo no centro”, mas ele atenta para a diferença entre centro geométrico (espaço central físico da fotografia) e centro visual (local para onde o olhar do leitor naturalmente se dirige). Ao se registrar uma imagem, a forma mais utilizada de dar importância a algum elemento é fazendo uso do foco, ao dar nitidez diferenciada àquele objeto em detrimento dos outros (BONI, 2000, p. 84).

Geralmente esse efeito é alcançado usando lentes de distância focal ampla, pois nelas as variações de foco serão mais acentuadas.

A forma mais tradicional de se compor a imagem é com base na regra dos terços. Esse recurso consiste em dividir a imagem em nove espaços iguais, com três linhas e três colunas, e utilizar os quatro pontos centrais de interseção como locais onde “colocar” o objeto principal da foto. Segundo Sousa (2002, p. 80), esses são os “polos de atração visual”. Essa técnica relativamente simples é bastante útil para orientar a leitura da fotografia e criar uma mensagem sobre o objeto e seus interesses.

FIGURA 4 – O fotógrafo pode evidenciar o objeto ou uma ação usando três pontos de ouro.



(Foto: Heitor Pedroso)

Apesar de a fotografia ser bidimensional (papel ou tela digital), ela geralmente representa um ambiente tridimensional, portanto a altura e largura da fotografia expressam a ilusão de profundidade (BONI, 2000, p. 79). A ideia de profundidade é manifesta pelo uso da perspectiva. Ela está sempre presente, mesmo quando não passa a impressão de profundidade – nesse caso é considerada uma perspectiva plana.

FIGURA 5 – O efeito de perspectiva faz uso de linhas e camadas para criar profundidade.



(Foto: Heitor Pedroso)

Para atingir o efeito de perspectiva, segundo Boni (2000, p. 81), os fotógrafos devem utilizar os elementos como: linhas convergentes, diminuição do tamanho e tonalidades.

- As linhas convergentes são o elemento mais claro e aceito da representação da perspectiva. Isso fica bastante óbvio quando se utilizam objetivas angulares, já que elas exageram as diferenças entre o primeiro plano e o fundo da cena, fazendo com que as superfícies horizontais que se afastam da câmera tendam a convergir em determinado ponto (perspectiva linear).
- A diminuição do tamanho ajuda a intensificar a perspectiva quando objetos similares, situados a diferentes distâncias da câmera, aparecem com tamanhos distintos. Um exemplo é o da fileira de árvores num bosque, de mesma altura e com espaços idênticos entre si. Conforme se afastam da câmera, as árvores diminuem de tamanho, dando a informação visual para se perceber o efeito de perspectiva.
- [...] Quanto às tonalidades, a sensação visual é de que os tons escuros se adiantam e os claros retrocedem. (CURSO, 1997, p. 156)

O recurso da textura consiste na técnica usada pelo fotógrafo de passar para o leitor a ideia de como seria tocar a superfície registrada – estimular o sentido do tato. De acordo com Sousa (2002, p. 90), os casos mais comuns são rostos, paredes ou muros, plantas e troncos. Esse recurso é capaz de criar curiosidade e o impulso de aproximar-se do objeto, ou até mesmo tocar a fotografia.

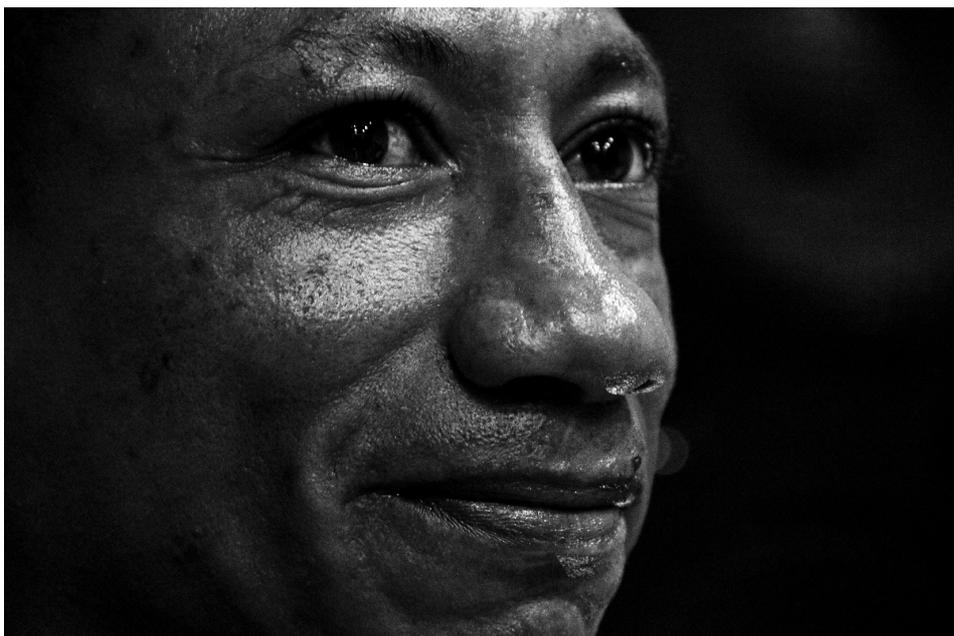
FIGURA 6 – O efeito de textura estimula outros sentidos por meio da visão, como o tato.



(Foto: Heitor Pedroso)

Fotografias são compostas de equilíbrios de luz. Pensando nisso, o contraste também é um recurso que pode ser utilizado para provocar intencionalidade, ao retratar objetos com diferenças na intensidade de luz (BONI, 2000, 92-93). Dessa forma, pode-se destacar o objeto do resto do ambiente e chamar atenção para sua forma e contornos.

FIGURA 7 – O contraste pode ser observado na diferença de iluminação entre objetos ou áreas de um mesmo objeto.



(Foto: Helena Pellim)

As fotos em preto e branco foram dominantes na imprensa diária até meados da década de 80, pois a grande maioria dos veículos de comunicação diários não mantinham máquinas com capacidade de impressão colorida (BONI, 2000, p. 94). As fotos coloridas eram exclusividades de algumas páginas, edições especiais ou revistas especializadas.

Para esse projeto, em que o conjunto de fotografias produzidas teve como base a produção de fotografias documentais de pessoas, nas quais o uso do preto e branco se faz presente pela força de expressão, principalmente ao se retratar questões sociais (BONI, 2000, p. 95). O preto e branco é muito presente em obras de fotógrafos humanistas, como Sebastião Salgado e Cartier-Bresson.

Para Flusser (1985, p. 22), o uso do preto e branco serve para tentar criar uma representação “ideal” de um mundo que não o é. Ao utilizar fotografias monocromáticas, o fotógrafo pretende explicitar os conceitos que quer registrar e facilitar a associação de significados no leitor.

FIGURA 8 – Fotografias em preto e branco evidenciam detalhes da expressão.



(Foto: Virgínia Faustino)

Sabe-se que “fotografia é escrever com luz”. Nessa linha de pensamento, ao se fazer uma foto é essencial ter conhecimento da iluminação com a qual se trabalhará. Mas, segundo Sousa (2002, p. 93-94), não é só isso que é relevante ao se fazer a foto. A própria iluminação pode ser usada e manipulada para transmitir os efeitos que se deseja, como profundidade e relevo. Na execução desse projeto, os

pesquisadores trabalharam exclusivamente com luz natural do ambiente, usando dos próprios recursos técnicos para criar intencionalidade.

FIGURA 9 – A luz orienta a direção do olhar do leitor, portanto deve estar sempre na mente do fotógrafo.



(Foto: Virgínia Faustino)

A mensagem da fotografia não se utiliza apenas dos elementos presentes dentro da imagem para comunicar-se; decisões como de onde tirar a foto e a que distância e a escolha de quais os elementos serão ou não enquadrados também são importantes.

5.2.2 Ângulo

Por ângulo entende-se o ponto de vista do fotógrafo ao registrar o objeto, tanto em relação à altura da câmera quanto à posição em relação ao diâmetro do espaço em torno do objeto (BONI, 2000, p. 85). Quanto à altura, Boni afirma:

Quando a câmera estiver situada na mesma altura do tema ou motivo a ser fotografado, diz-se que o ângulo é normal. Quando a câmera estiver abaixo, diz-se que o ângulo é baixo ou contre-plongé (da literatura francesa que, traduzido, seria algo como contra-mergulho). Por fim, quando a câmera estiver acima, diz-se que o ângulo é elevado ou plongé (mergulho).

FIGURA 10 – O ângulo contra-plongé, ou contra-mergulho, é usado para colocar o objeto em posição de valorização.



(Foto: Heitor Pedroso)

De acordo com o autor, o ângulo de contra-mergulho tem o efeito de valorizar ou mostrar o objeto como forte (p. 86). De forma inversa, o ângulo de mergulho ocasiona o efeito contrário.

5.2.3 Planos e enquadramentos

Como explicado, a linguagem fotográfica está intimamente ligada à intencionalidade do fotógrafo e toma forma nos elementos expressos na imagem, mas também além dela. Segundo Boni (2000, p. 62), é “impossível listar todos os elementos da linguagem fotográfica”, pois cada fotógrafo vai derivá-los de acordo com suas necessidades, usos e estilo no momento da produção dos registros. É possível, porém, identificar os principais e mais utilizados pelos fotógrafos.

De acordo com Sousa (2004, p. 67), é por meio dos planos que o enquadramento da foto se concretiza. A composição da foto se materializa no plano no qual ela é registrada.

É possível identificar (e classificar) os planos por dois aspectos: distância da câmera no momento do registro – planos de tomada – e local onde o fotógrafo deu ênfase e nitidez na imagem – planos de foco (BONI, 2000, p. 63).

Os planos de tomada “dizem respeito à organização dos elementos internos no ‘enquadramento’ do cenário no fotograma” (BONI, 2000, p. 63). É possível identificar qual plano de tomada foi utilizado apenas ao observar a distância que a câmera precisaria estar do objeto que retratou. A nomenclatura desses planos é similar à utilizada na linguagem televisiva, amplamente aceita, portanto também foi adotada para essa pesquisa.

O plano mais abrangente é o panorâmico. “Bastante utilizado pelo cinema, é o plano que oferece ao leitor a maior amplitude horizontal de visão do que foi fotografado” (BONI, 2000, p. 65). Ainda de acordo com o autor, não é tão utilizado na fotografia, pois as suas proporções retangulares não encaixam perfeitamente com as da imagem fotográfica e, quando é usado, quase sempre é para registro de paisagens. Esse plano valoriza o ambiente e distancia-se da figura humana e dos detalhes.

FIGURA 11 – O plano panorâmico pode ser usado para apresentar um local por inteiro na horizontal.



(Foto: Virginia Faustino)

O grande plano geral é similar ao panorâmico, porém as proporções são mais congruentes àquelas utilizadas na fotografia – há um ganho de informação vertical em relação ao panorâmico (BONI, 2000, p. 65). Aqui o ambiente também é o principal elemento da fotografia.

FIGURA 12 – Também pode ser usado para apresentação de local, mas traz mais informações na vertical, se comparado ao panorâmico.



(Foto: Heitor Pedroso)

Ainda com o protagonismo no ambiente, porém menos intenso, o plano geral já permite que existam elementos vivos e móveis na fotografia, mas eles ainda não são a principal informação da imagem (BONI, 2000, p. 66). O plano geral é utilizado principalmente por conta de sua informação descritiva (BONI, 2000, p. 67).

FIGURA 13 – No plano geral, da foto a seguir, o ambiente ainda é protagonista.



(Foto: Heitor Pedroso)

Seguindo a ordem lógica de afinamento dos planos, o plano médio é o primeiro no qual os elementos humanos dividem com o ambiente a importância na

imagem (BONI, 2000, p. 68). Esse tipo de plano é amplamente utilizado no fotojornalismo para caracterizar um indivíduo dentro de um ambiente.

FIGURA 14 – Na foto abaixo, em plano médio, há equilíbrio entre o ambiente e a figura humana, e já são perceptíveis os detalhes da ação.



(Foto: Heitor Pedroso)

No plano americano, o sujeito ocupa um espaço maior da fotografia em relação aos anteriores, mas ainda é caracterizado pelo seu ambiente. De acordo com Boni (2000, p. 70), o elemento vivo sempre se sobrepõe ao cenário. Nesse plano especificamente, o sujeito é retratado dos joelhos ou da cintura para cima (BONI, 2000, p. 70).

FIGURA 15 – No plano americano, o personagem ou objeto está em destaque sobre o ambiente.



(Foto: Helena Pellim)

No primeiro plano, o indivíduo é isolado do ambiente (BONI, 2000, p. 71). O enquadramento tem o objetivo de registrar a fisionomia da pessoa e, por isso, é popularmente conhecido como “close-up”. Para a realização dessas fotos, recomenda-se o uso de uma lente que permita um distanciamento maior da pessoa, para não deixar o fotografado desconfortável.

FIGURA 16 – No primeiro plano (ou close-up), o ambiente quase desaparece e o sujeito é o que importa.



(Foto: Heitor Pedroso)

Por fim, no enquadramento a seguir há o plano de detalhe, no qual o destaque é numa parte do corpo de uma pessoa ou de um objeto (BONI, 2000, p. 72). Nesse tipo de enquadramento, o objetivo do fotógrafo costuma ser atingir emocionalmente o leitor. Esse efeito acontece a partir de um efeito conhecido por macroestesia, que é a sensação de que um objeto aparenta ser maior do que realmente o é. Isso causa uma perturbação emocional no leitor da imagem (BONI, 2000, p. 72). Assim como no primeiro plano, recomenda-se o uso de lentes de longa distância focal, para manter distância do espaço pessoal do fotografado.

FIGURA 17 – O plano de detalhe retrata apenas uma parte do objeto registrado.



(Foto: Helena Pellim)

No que diz respeito ao foco, Boni (2000, p. 74) afirma que esse recurso “caracteriza a importância dos elementos presentes na imagem”. O fotógrafo pode colocar a nitidez onde desejar a fim de privilegiar um elemento específico e construir sua mensagem, hierarquizando os objetos retratados. O foco é um dos recursos de linguagem que o fotógrafo utiliza para expressar sua intencionalidade na imagem (BONI, 2000, p. 75).

FIGURA 18 – O foco seletivo é responsável por dar destaque a um objeto em relação aos outros.



(Foto: Heitor Pedroso)

Também é possível reduzir as diferenças de foco entre o objeto-assunto e os outros elementos presentes na foto, ao utilizar-se da profundidade de campo. Com esse recurso, não há hierarquização tão intensa entre os objetos e o foco mantém uma certa homogeneidade por toda a fotografia (BONI, 2000, p. 76).

5.3 O fotolivro como estrutura narrativa

O objeto escolhido pelos pesquisadores para a divulgação dos registros fotográficos que ocorreram durante o acompanhamento dos personagens foi o fotolivro. Na sua definição mais simples, o fotolivro é um livro de fotografias, composto de uma sequência de imagens (ABREU, 2014, p. 14). A escolha acontece pela possibilidade de construção narrativa e argumentativa que o livro como veículo é capaz de proporcionar. No fotolivro é “proposta uma sequência de imagens, trabalhada segundo uma edição específica”, a fim de envolver o leitor em um formato sequencial, que pode assemelhar-se ao cinema ou às fotonovelas (ABREU, 2014, p. 14).

Nos livros tradicionais, a responsabilidade da transmissão da informação é do texto escrito. Nos fotolivros, porém, a texto de luz (fotografia) é quem assume esse papel.

Nos fotolivros, as fotografias não devem estar subordinadas a um texto, elas devem ser protagonistas ou, ao menos, dividirem o protagonismo com o texto e/ou outros materiais constituintes do livro. Essa é uma diferença evidente entre os livros ilustrados por fotografia e os fotolivros. (RAMOS, 2017, p. 21)

O fotógrafo inglês Willian Henry Fox Talbot foi o primeiro a publicar um livro de fotografias, intitulado “The Pencil Of Nature” (1844-1846) e, conforme Bracchi (2016, p.1), o mesmo era composto pela organização de imagens que buscavam mostrar o poder da fotografia na reprodução de figuras da natureza, sem precisar ter, necessariamente, uma construção cronológica ou de sequência de fatos.

É possível perceber que a história do fotolivro é pautada pelo distanciamento da intenção de se construir narrativas lineares compostas por fotografias de ação. A obra fotolivro parece desafiar a fotografia a desconstruir uma narrativa que implicitamente se imponha apoiada no caráter figurativo da imagem. (BRACCHI, 2016, p. 3-4)

Conforme a autora, a organização livre de comprometimento cronológico do material contido no fotolivro garante àquele que o produz a liberdade de elaborar uma narrativa condizente com a mensagem que se quer passar ao público. Barbosa (2013, p. 569) expande essa ideia ao afirmar que

O fotolivro por definição é mais do que um livro ilustrado; é resultado de um esforço de um autor (fotógrafo ou não) na organização de um conjunto de fotografias tendo em mente uma narrativa iconográfica com o intuito de produzir um discurso visual.

Já para Shannon (2010, p. 55), existe uma diferença sutil, porém importante, entre “fotolivro” e “livro de fotografia”.

[...] o termo “fotolivro” tipicamente define um livro criado para preencher um propósito primariamente artístico, mas é frequentemente atribuído a publicações de origem não-artística a fim de aumentar a autoridade do livro e seu valor no mercado. O rótulo “fotolivro” é cada vez mais usado para referir-se à estética e valor de mercado de um livro à exclusão dos outros tipos de valor. Isso obscurece os valores históricos, culturais e de origem ideológica dos livros individualmente, obstruindo nossa habilidade de reconhecer a natureza e valor dos livros de fotografias.⁶ (SHANNON, 2010, p. 55)

O termo “fotolivro” passou a definir produções de variados segmentos e circunstâncias, sobre aspectos políticos, sociais e estéticos, resultando numa homogeneização das publicações fotográficas (SHANNON, 2010, p. 55).

Como as fotos num livro são mais consideradas em relação ao seu conjunto do que individualmente (RAMOS, 2017, p. 21), as imagens priorizadas na narrativa podem ser organizadas em série ou divididas por diferentes temas, personagens, entre outros (ABREU, 2014, p. 14). Dessa forma, entende-se que a intencionalidade da fotografia manifesta-se também na montagem do livro resultante.

[...] os livros são importantes veículos não só de divulgação, mas também de organização sintática e semântica do trabalho de um fotógrafo. O modo de disposição dos componentes visuais do livro, sejam eles fotografias de elementos reconhecíveis ou formas abstratas, devem ser pensados em sua relação com o espaço da obra. (BRACCHI, 2016, p. 5)

Quanto ao tipo de conteúdo, para Barbosa (2013, p. 569), os fotolivros são “elementos de circulação de ideias e projetos estéticos, políticos e culturais”. Dessa

⁶ SHANNON, Elizabeth. The rise of the photobook in the twenty-first century. **North Street Review: Arts and Visual Culture**. 2010. p. 55 (Tradução do autor).

forma, a construção de uma narrativa forte se mostra essencial, portanto o grupo fez a opção desse formato para a divulgação das fotografias que foram produzidas.

O formato digital, por sua vez, possibilita um alcance maior, já que pode ser disponibilizado online, e reduz os custos de produção por não necessitar impressão em papel. Os pesquisadores desejam não só manter o material acessível para o público, mas atingir o máximo de pessoas possível. Tendo isso em vista, a disponibilização online na forma de fotolivro digital é a forma mais eficiente de montagem do produto.

6 PROJETO EDITORIAL

Introdução e justificativa

O fotolivro digital descrito por este projeto editorial será peça prática do Trabalho de Conclusão de Curso “Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades”, que retratará a vida de cinco pessoas que viveram situação de reclusão no sistema penitenciário e retornaram à sociedade após o cumprimento das penas.

“Homem na Estrada” é o nome de uma música do grupo de rap Racionais MC’s, que conta a história de um homem que fica marcado negativamente pela sociedade após sua passagem no sistema penitenciário, eventualmente morrendo em confronto com a polícia por conta de uma denúncia infundada. O livro terá o mesmo nome.

Os personagens retratados serão entrevistados, a fim de que se conheça as suas histórias de vida, o que os levou ao crime, como foi a experiência da detenção, o que perceberam ao deixar as penitenciárias e como foi a vida depois dessa experiência. A partir desses relatos, os fotógrafos construirão textos de perfil e representações imagéticas da vida pós-cárcere dessas pessoas.

Os autores escolheram o tema pelo interesse em trabalhar com questões de exclusão social por meio da fotografia e dos relatos pessoais. O Jornalismo é uma área de engajamento e transformação social por meio da construção e disseminação de informação e conhecimento, e a narrativa do fotolivro que será produzido buscará suscitar debates sobre esse grupo.

Ao observar-se que 24,4% dos libertos do sistema penitenciário retornam à prisão em até cinco anos após reconquistar sua liberdade, é possível questionar a eficácia desse sistema e se ele é capaz de promover oportunidades para “recuperar” o criminoso. Além disso, cabe o questionamento se essa é, de fato, sua função, uma vez que notamos a predominância de grupos sociais e étnicos específicos na população carcerária brasileira, com 64% sendo negros e 51% tendo o ensino fundamental incompleto.

Objetivos

Objetivo Geral

Retratar a vida de pessoas que passaram por reclusão no sistema penitenciário por meio de textos de perfil e fotodocumentação.

Objetivos Específicos

- Colocar em prática os conceitos jornalísticos de apuração e produção de fotografias e textos de perfil.
- Construir uma narrativa fotodocumental coerente em formato de fotolivro.
- Promover reflexão e debate sobre a eficácia da pena privativa de liberdade como ferramenta de ressocialização de criminosos.

Estrutura

O livro conterà um prefácio e cinco capítulos, além dos elementos pré-textuais característicos (capa, contracapa, ficha catalográfica, sumário). Cada capítulo abordará um personagem retratado. Os capítulos serão nomeados conforme o primeiro nome de cada personagem, trarão uma fala como subtítulo, texto de perfil sobre a pessoa baseado em seus depoimentos e dos familiares e amigos, e de oito a quinze fotografias por capítulo.

Linha Editorial

A fotografia buscará focar em detalhes da expressão humana dos personagens e situações de interação com outras pessoas, objetos e situações. Planos de aproximação do objeto (primeiro plano, americano, close e big close) serão mais utilizados, pois valorizam a figura humana em relação ao ambiente.

O livro também contará com texto de perfil, que será utilizado para relatar as histórias de vida dos personagens, de forma a construir uma ampla narrativa sobre as experiências das pessoas representadas. Os textos também poderão ser compostos por depoimentos dos familiares, amigos, colegas de trabalho e outras pessoas próximas dos personagens.

A produção desse fotolivro não tem fins lucrativos e o mesmo terá formato digital e será de livre distribuição por meio da internet. A escolha do meio digital se baseia principalmente no interesse dos fotógrafos em buscar atingir a maior quantidade de público possível, bem como facilitar o acesso à fotodocumentação, aspecto que seria dificultado caso o livro fosse físico.

Para divulgar o trabalho, os autores criarão perfis nas redes sociais Facebook, que possui algoritmos que tornam publicações com imagens mais receptivas ao alcance orgânico, e Instagram, plataforma voltada para o compartilhamento de fotografias. Serão publicadas regularmente imagens produzidas para esse livro, acompanhadas do link para o produto completo.

Diagramação

A diagramação do produto ficará por conta do designer Luiz Fernando Estevam Rotta. Em conjunto com o diagramador, seguindo as suas sugestões, ficou decidido que o livro terá fundo branco, com texto em letras pretas, fonte Helvetica Light tamanho 24 para o corpo de texto e Bebas Neue tamanho 48 para os títulos dos capítulos. Cada página terá resolução de 1920x1080p (orientação paisagem) e margens superior e inferior de 37 px e direita e esquerda de 125 px. Os elementos serão organizados em sistema de três colunas, com medianiz de 24 px por coluna.

Recursos Materiais

O equipamento utilizado será o disponível no laboratório de fotografia da Faculdade de Comunicação de Presidente Prudente (Facopp), que conta com câmeras Nikon D7000 e Canon 60D e 80D, e lentes 18-135mm, 50mm, 70-300mm, 10-20mm e Macro. A edição das imagens será feita pelo fotógrafo Clayton Andrade.

Recursos Humanos

Os membros executarão as funções de: produção, entrevista, fotografia, edição e redação, de acordo com a necessidade e as circunstâncias dos personagens e do grupo. Sempre que possível, cada visita aos personagens será feita por dois ou mais membros do grupo, assim um será responsável pela entrevista

e por fazer o retratado se sentir à vontade, enquanto o outro produzirá os registros fotográficos.

Público alvo

Esse material busca suscitar o interesse em pessoas que trabalham com o sistema penitenciário nos mais diferentes níveis de atuação e esferas, assim como entusiastas e pesquisadores do tema. Além disso, o livro busca atingir pessoas que se interessem por fotografia, tanto consumidores ou amadores quanto pesquisadores e profissionais.

Recursos Financeiros

Quaisquer gastos realizados com a produção deste material serão mantidos em contabilidade para serem divididos igualmente entre os membros do grupo.

7 MEMORIAL DESCRITIVO

O processo de produção desse Trabalho de Conclusão de Curso foi algo que exigiu dos pesquisadores cuidado e respeito pelo tema abordado e esse diário de bordo tem como objetivo registrar todas as etapas de produção do referido projeto.

A princípio, o grupo seria formado apenas pelos alunos Heitor Pedroso e Helena Pellim, que desde o início do curso, no ano de 2016, demonstravam interesse em trabalhar a fotografia como objeto prático. Com a chegada do sexto semestre do curso, no ano de 2018, a aluna Virginia Faustino juntou-se ao grupo.

Naquele momento o desejo dos pesquisadores era elaborar um fotolivro que contasse com registros da vida das mulheres dentro da penitenciária feminina de Tupi Paulista, no interior do Estado de São Paulo. Porém, devido a problemas burocráticos, não foi possível levar a ideia adiante e o grupo precisou repensar o seu objeto de estudo.

Foi nesse momento em que os discentes consideraram os ex-detentos como personagens de peça prática em que seriam apresentados em uma exposição fotográfica, que também seria composta por textos de perfil junto às imagens. A ideia era que texto e imagem pudessem refletir a forma como foram recebidos pela sociedade quando libertos e de que forma o estigma de ex-presidiários interferiu em sua ressocialização.

Com a apresentação do pré-projeto para a primeira banca, considerações foram feitas pelos docentes em relação a eficácia da peça prática escolhida. Os questionamentos tratavam principalmente sobre como a utilização do texto de perfil em uma exposição seria pouco eficiente. Outro item que levantou dúvida da banca era se o projeto em questão realmente fazia parte da vertente do Jornalismo Humanizado, sob o qual os pesquisadores se baseavam.

Tanto o projeto quanto a pesquisa foram repensados e chegou-se à conclusão de que o fotolivro seria a melhor maneira de retratar as histórias de vida dos personagens e, nesse momento, decidiu-se, também, que o mesmo seria veiculado no formato digital, para que sua divulgação pudesse ser mais ampla e que seu acesso pudesse ser fácil ao público. Foi então que o aluno Wellington Costa se juntou ao grupo.

Ao início da produção da peça teórica, os discentes saíram em busca dos personagens que seriam retratados no fotolivro.

7.1 Os personagens

O primeiro a concordar em participar do projeto foi Jurandir Mendes; que foi contato pela aluna Helena Pellim. Antes mesmo do início da produção da peça teórica ele já havia assinado o termo de compromisso. Em seguida Virginia Faustino informou sobre a possibilidade de ter encontrado outra pessoa disposta a fazer parte da pesquisa.

Em abril de 2019 os pesquisadores entraram em contato com Fabiano Fernandes, que também aceitou fazer parte do estudo. Itamar Xavier foi o terceiro personagem encontrado pelo grupo.

Nos meses de maio e junho outras duas pessoas concordaram em participar do projeto, porém em julho ambas desistiram devido a problemas pessoais.

Quando as aulas retornaram no mês de agosto, o grupo então se empenhou para encontrar mais duas pessoas que concordassem em participar da pesquisa. Foi quando Marcelo Cavalcanti e Luiz Henrique aceitaram fazer parte, alcançando, assim, o total de cinco personagens, que era o objetivo do grupo.

7.2 As tarefas

No fim do mês de maio foram feitas as primeiras pré-entrevistas com alguns dos personagens, para que se fosse possível conhecer mais a fundo a forma como levavam suas vidas até o momento em que foram presos.

A primeira entrevista feita com todos tinha como base um mesmo questionário, com questões que abordavam desde o nascimento até as circunstâncias que levaram a prisão dos personagens.

Durante os meses de junho e julho os pesquisadores deveriam efetuar quatro encontros para discussão teórica de fotografias que pudessem vir a inspirar a produção imagens quando chegasse o momento.

Em seguida deveriam acontecer quatro saídas fotográficas para pôr em prática os estudos teóricos realizados durante a elaboração do projeto escrito.

Nesse momento os pesquisadores passaram por problemas, de forma que alguns dos encontros não renderam resultados. O principal deles foi a falta de comunicação, tanto entre eles mesmos quanto com os orientadores. Por muitas

vezes o grupo de mensagens dos pesquisadores passava semanas sem que nenhuma conversa fosse iniciada.

Atrasos com as entregas também eram frequentes e, por muitas vezes, as tarefas foram procrastinadas. Esse problema ocorreu tanto no desenvolvimento do projeto teórico quanto no prático.

Durante o período de férias deveriam ocorrer duas entrevistas com cada um dos personagens e, pelo menos, uma sessão de fotos com os mesmos, para que eles pudessem se acostumar com a presença das câmeras. A ideia era que quando chegasse o momento da produção das imagens para o fotolivro eles não se sentissem intimidados e o resultado fosse fotos espontâneas de seus momentos cotidianos.

As visitas aos personagens foram divididas de acordo com a localidade em que os mesmos residiam, de forma que também ficasse fácil para os pesquisadores a locomoção até os locais.

Um dos entrevistados morava em Pirapozinho, outros dois residiam em Presidente Prudente e os dois últimos estavam estabelecidos em Piquerobi. Nesse ponto os pesquisadores ainda não tinham certeza sobre a desistência deles.

Quando as aulas retornaram e chegou o momento para a análise da produção que cada um realizou descobriu-se sobre a desistência de um dos personagens da cidade de Piquerobi, o qual deveria ser entrevistado pelo aluno Wellington.

Além disso, devido a problemas pessoais, um dos pesquisadores também não conseguiu realizar as entrevistas com um dos personagens de Presidente Prudente. Foi quando se tornou necessária uma nova divisão de tarefas para que fosse possível compensar as tarefas atrasadas, além de conseguir duas novas pessoas dispostas a ocupar o lugar dos desistentes e participar da pesquisa.

O fato de não ter ocorrido a entrega dessas tarefas sobrecarregou os alunos durante a fase da produção da peça prática e acabou interferindo também na qualidade do material que foi sendo realizado com o decorrer do tempo.

7.3 Produção da peça prática

Com o ingresso dos dois novos personagens as tarefas precisaram ser novamente redistribuídas de acordo com o local de residência dos mesmos. Nesse

momento os pesquisadores produziram novas entrevistas que buscavam se aprofundar nas questões relacionadas aos momentos vivenciados na cadeia, mas, principalmente, na vida a partir do momento em que foram libertos.

As fotos também começaram a ser produzidas a partir daí, e todas as semanas nas orientações os pesquisadores faziam a análise das imagens e a seleção daquelas que poderiam vir a ser usadas no fotolivro.

O processo de fotografar os personagens foi cheio de dificuldades. Os alunos ainda não estavam familiarizados com os equipamentos e isso interferiu grandemente no resultado das imagens. Os locais onde as fotografias ocorriam foi outro agravante, pois as casas de alguns dos personagens não tinham boa iluminação. E como o domínio dos pesquisadores com as câmeras não era suficiente, muitas imagens precisaram ser descartadas devido a problemas técnicos.

Durante esse momento da produção foi necessário esforço para alinhar os conhecimentos teóricos obtidos durante a escrita do projeto para que as atividades práticas fossem realizadas de forma satisfatória, o que demandou tempo e paciência devido às muitas dificuldades que os pesquisadores tinham.

Era preciso sempre lembrar quais eram os planos fotográficos que mais se adequavam aos registros e de que forma os alunos poderiam trabalhar com as câmeras para se ajustar as dificuldades de iluminação e espaço que vinham tendo.

Neste momento também foram realizadas entrevistas com personagens secundários das histórias das peças principais do projeto, ou seja, familiares, colegas de trabalho e qualquer outra pessoa que pudesse oferecer um outro ponto de vista sobre os relatos dos personagens.

Com Fabiano foram realizadas três entrevistas e sete sessões de fotos. Com Itamar foram duas entrevistas e oito sessões de fotos. Já com Jurandir foram cinco entrevistas e cinco sessões de fotos e, com Marcelo, duas entrevistas e cinco sessões de fotos.

Ainda faltavam fotos para completar o capítulo de Luiz quando ele desistiu de participar do projeto e, por isso, não foi possível utilizar o material produzido sobre ele. Então há apenas quatro semanas da entrega os pesquisadores precisaram encontrar um novo personagem.

Fabiano ajudou com a indicação de um colega de trabalho que havia passado pela situação encarceramento e, assim André, passou a fazer parte do projeto. Com ele foram realizadas duas entrevistas e três sessões de fotos.

Após a finalização das entrevistas, as fotos ainda estavam sendo produzidas e selecionadas. Ao mesmo tempo também começaram a ser produzidos os textos de perfil dos personagens e durante essa etapa foi feita uma análise minuciosa das transcrições de todas as entrevistas para que apenas os detalhes mais importantes e relevantes fizessem parte da versão final dos textos.

A ideia a princípio era que cada pesquisador escrevesse o texto referente ao personagem com quem trabalhou, porém, para que houvesse otimização do tempo, ficou decidido que a aluna Helena escreveria os mesmos.

Wellington e Virginia deveriam então iniciar a escrita e a organização das informações de seus personagens para que Helena, que já estava escrevendo os textos de Marcelo, Jurandir e Itamar, pudesse assumir a escrita das histórias de Fabiano e Luiz e finalizar as demais.

No fim, como o texto sobre Luiz, que já havia sido iniciado, precisou ser excluído, a aluna Helena assumiu a escrita do material que contaria a história de André e corrigiu o texto de Fabiano com a ajuda da aluna Virgínia.

Na mesma semana os alunos debateram questões relacionadas a diagramação do fotolivro, e ficou decidida que este processo seria realizado por um profissional. A pesquisa por orçamentos então ficou sob responsabilidade de Wellington, que entrou em contato com um profissional indicado pela professora de Produção Gráfica da Facopp, Fernanda Sutkus. A edição das fotos também entrou na pauta de discussão nesse momento, e foi quando se decidiu pelo uso da fotografia em preto e branco, levando em consideração o impacto que esse estilo causa, o que se mostrou alinhado com a proposta do fotolivro.

Por fim, ficou decidido que a diagramação do livro seria feita por Luiz Fernando Estevam Rotta, enquanto que a edição do material fotográfico ficou sob responsabilidade de Clayton Andrade, aluno do curso de Fotografia.

Para visualizar o formato da peça prática os pesquisadores começaram então a pesquisar em fotolivros e o aluno Heitor Pedroso montou um esboço do modelo que seria adotado no produto final.

Após a aprovação desse modelo pelo restante do grupo o mesmo foi passado para o diagramador, que elaborou o projeto com cores diferentes para que os alunos pudessem debater sobre qual deles se encaixaria melhor na proposta do material abordado.

O estilo da diagramação foi sugerido pelo profissional responsável pelo trabalho, considerando que os pesquisadores possuíam apenas uma noção básica sobre esse trabalho. Após um debate os alunos decidiram por aceitar o modelo sugerido.

Nessa fase começou também a análise do material abordado na peça teórica e as diferenças percebidas durante a produção da peça prática. Foi necessário, então, fazer entrevistas com profissionais da área jurídica e de assistência social para se analisar e chegar a uma conclusão mais precisa relacionada aos resultados obtidos com a pesquisa.

A última semana antes da entrega foi dedicada à finalização do projeto e aos ajustes necessários para a finalização do livro. Nesse momento, os pesquisadores corrigiam alguns erros nos textos, organizavam as autorizações assinadas por todos aqueles que serão retratados no fotolivro e também separavam as pautas produzidas para serem incluídas nos anexos do projeto teórico.

Ficou decidido que as transcrições das entrevistas não seriam incluídas nesse processo devido ao conteúdo contido nas mesmas, então, para preservar a integridade dos personagens e até mesmo sua segurança, preferiu-se então ocultar esses arquivos.

Com o projeto finalizado, os alunos começaram a elaborar a apresentação pública da pesquisa e a organizar os arquivos teóricos para impressão. Com a aprovação do orientador mestre Luiz Carlos Dale Vedove que, nesse momento, orientava o grupo sozinho, já que a professora doutora Maria Luisa Hoffmann precisou ausentar-se em licença à maternidade. Assim, o projeto foi concluído para que pudesse ser avaliado pelos integrantes da banca.

7.4 O fotolivro

Uma fotodocumentação é mais que um conjunto de fotos – é uma narrativa em imagens. Aliada ao texto de perfil, os relatos que os pesquisadores poderiam contar tinham grande potencial de evocar emoção, desde que fossem expressos de maneira adequada. O fotolivro se mostrou a peça ideal, por aliar fotografia, texto e estética voltados à construção narrativa. O processo de confecção do livro, ainda que executado pelas mãos de um designer, exigiu do grupo reflexão para que a história tomasse a forma desejada.

Figura 19 – Capa do fotolivro.



Figura 20 – As palavras no sumário são links que direcionam diretamente para o respectivo capítulo.

SUMÁRIO

Prefácio.....	4
Marcelo.....	5
Itamar.....	13
Jurandir.....	22
Fabiano.....	35
André.....	43

3

Figura 21 – A primeira página de cada capítulo contém um botão para voltar ao sumário.



5

Figura 22 – A primeira versão do livro demonstrou ter espaços em branco demais.

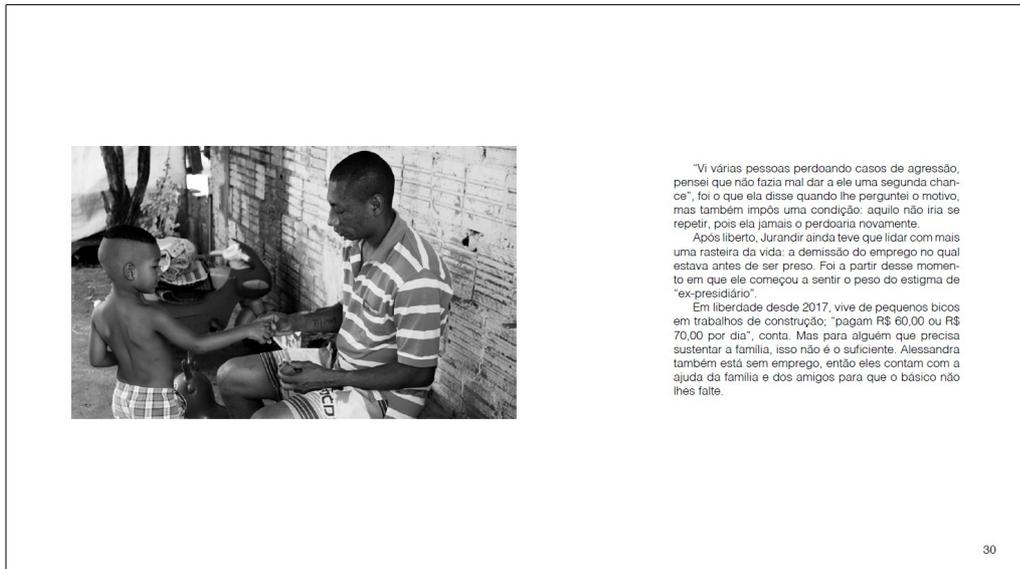


Figura 23 – A versão final otimizou o uso do espaço sem poluir a área de leitura.



As alterações finais envolviam principalmente correções de texto e ampliação no tamanho das fotos e da fonte.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, os pesquisadores puderam concluir que, de forma abrangente, as principais circunstâncias que levam as pessoas à situação de reclusão no sistema penitenciário são a desigualdade social, vigilância policial sobre determinados grupos sociais e étnicos e a busca pela melhoria da situação financeira. Quanto às dificuldades que podem ser esperadas no retorno ao convívio em sociedade, observam-se a estigmatização do criminoso, na forma da redução e rotulação do indivíduo a um ato específico (o crime que cometeu), mesmo após ter cumprido a pena. Isso pode ser observado com maior facilidade na falta de oportunidades profissionais e a vigilância social, que geralmente tomam a forma de acusações sem provas sobre essas pessoas, como foi dito em depoimento por mais de um dos retratados. A pesquisa bibliográfica aponta um “fracasso” intencional por parte da pena privativa de liberdade na recuperação dos detentos, de forma que seu objetivo real é manter certas classes sociais sob repressão, e não promover oportunidades para aqueles que não as tiveram antes do crime. Isso se reforça pelo fato de que, apesar dos personagens, em sua maioria, viverem situação digna e de relativa estabilidade atualmente, o caminho até essa tranquilidade frequentemente não passou por políticas de reinserção por parte do poder público.

É possível observar que a ressocialização plena dos indivíduos à sociedade muitas vezes acontece por meio de facilitadores, que nem sempre estão ligados diretamente às políticas públicas do Estado ou do sistema penitenciário. Por vezes os indivíduos, quando libertos, contaram com apoio de familiares, amigos, colegas de trabalho ou outros membros da sociedade para se reestabelecerem.

Uma inconsistência observada no trabalho, porém, é o fato de que, dos cinco personagens retratados, quatro estavam empregados regularmente (carteira assinada ou negócio próprio) no momento da execução do fotolivro. A bibliografia e as entrevistas feitas até então apontavam que os pesquisadores encontrariam um cenário de dificuldade de recolocação no mercado. Apesar disso, é válido apontar que todos os personagens declararam terem passado pela dificuldade de encontrar emprego em algum momento após cumprirem pena e a atribuem, parcial ou integralmente, ao fato de serem egressos do sistema penitenciário. Outro aspecto relevante é que o grupo abordado por esse trabalho é pequeno demais para servir como amostragem estatística e, portanto, é aceitável que se fuja da regra, como diz

o defensor público Gustavo Picchi. “A realidade que a gente [Defensoria Pública] observa não é essa que vocês encontraram”⁷. O defensor também acredita que, por estarem empregados, é possível que os retratados nesse trabalho se sintam mais seguros para expôr suas histórias do que outras pessoas que passaram pelo sistema, mas não se recolocaram na sociedade, se sentiriam.

Entende-se que a fotodocumentação tem papel fundamental na retratação de questões sociais relevantes, pois permite ao fotógrafo um envolvimento mais intenso com o objeto de estudo do que seria possível no fotojornalismo. Por meio das sequências de imagens, é possível criar narrativas que toquem e provoquem reflexão no leitor. Além disso, a fotodocumentação contemporânea permite ao retratado não ser apenas um objeto a ser registrado, mas ator participante da documentação e protagonista da transformação social que busca alcançar. Ao fazer os registros que constam na peça prática resultante, o grupo conseguiu atingir seu objetivo de registrar a vida dos indivíduos após o cárcere, tanto pela foto quanto pelo texto de perfil. Os autores do fotolivro também foram capazes de criar aproximação com os objetos de estudo, notando a cada encontro evolução na relação pesquisador-objeto, como foi proposto pela fotodocumentação.

Os textos permitem contato direto do leitor com os sentimentos e relatos dos envolvidos, nos quais eles puderam expressar as dificuldades, felicidades, arrependimentos, entre outras emoções que os marcaram nas suas respectivas trajetórias. Partindo das suas visões do sistema penitenciário e do crime, é possível levantar debates sobre a eficácia da prisão como ferramenta de recuperação, e mais que isso, se esse é de fato seu objetivo. Esse assunto interessa não apenas aos próprios personagens e aos pesquisadores do assunto, mas à sociedade, que tem nas suas instituições tradicionais determinadas expectativas a serem atingidas, a saber: o combate eficiente ao crime.

Para os pesquisadores, a execução prática desse trabalho trouxe considerável evolução nas técnicas fotográficas, com evolução nítida ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Além disso, o estudo sobre o tema, socialmente relevante e delicado, também exigiu dos pesquisadores o amplo uso de reflexões subjetivas para a execução, cumprindo satisfatoriamente com a proposta metodológica da pesquisa exploratória.

⁷ Gustavo Picchi, Defensor Público, em entrevista realizada no dia 12 de setembro de 2019, em Presidente Prudente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Elane. Ler imagens, ver a cidade: a fotografia e a questão da narrativa urbana. **Revista Esferas**, Brasília, n. 5, p. 11-20, jul/dez. 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/viewFile/5681/3612>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- ADORNO, Sérgio. Discriminação racial e justiça criminal. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 43, p. 45-63, nov. 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/203942/mod_resource/content/1/Adorno.pdf. Acesso em 19 mar. 2019.
- ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, p. 84-135, jul./dez. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2019.
- AGÊNCIA CNJ DE NOTÍCIAS. CNJ Serviço – Saiba como funciona a remição de pena. **Agência CNJ de Notícias**, Brasília, 29 fev. 2016. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/81644-cnj-servico-como-funciona-a-remicao-de-pena>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- ALBERGARIA, Jason. **Das penas e da execução penal**. Belo Horizonte: Del Rey, 1992.
- ALVES, Raphael Freire; CONTANI, Miguel Luiz. O “instante decisivo”: uma estética anárquica para o olhar contemporâneo. **Revista Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 4, n. 4, p. 127-144. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1505>. Acesso em: 12 mai. 2019.
- ARISTÓTELES; CHAVES, Nestor Silveira. **Política**. Rio de Janeiro: Ediouro (Clássicos de Bolsos), 19--.
- BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. Fotolivros e história comparada da fotografia na América Latina: reflexões teóricas e possibilidades de investigação. In: IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2013, Londrina – PR. **Anais 2013**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Carlos%20Alberto%20Sampaio%20Barbosa.pdf>. Acesso em 18 mar. 2019.
- BRACCHI, Daniela Nery. Experimentações plásticas ao longo da história dos fotolivros. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016, Caruaru – PE. **Anais**. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0979-1.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo**. 2000. Tese (Doutorado em Fotografia) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BRASIL. Casa Civil. **Lei de Execuções Penais. Lei nº 7210 de 11 de Julho de 1984.** Institui a lei de execuções penais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jul. 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm. Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. Casa Civil. **Código Penal. Lei 7209 de 11 de Julho de 1984.** Institui o Código Penal Brasileiro. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jul. 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm. Acesso em 12 mar. 2019.

CARNELUTTI, Francesco; CARDINALLI, José Antonio (trad.). **As misérias do processo penal.** Campinas: Conan, 1995.

CASTANHEIRA, Rafael. **Fotografia:** documento e expressão. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. 2013, Rio Verde – GO. São Paulo: Intercom. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0226-1.pdf>. Acesso em 12 mar. 2019.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis: Vozes, 2006.

CORREGEDORIA GERAL DA JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Normas de serviço.** Ofícios de justiça. Tomo I. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://api.tjsp.jus.br/Handlers/Handler/FileFetch.ashx?codigo=108403>. Acesso em: 11 mar. 2019.

CURSO de fotografia Planeta, n. 7. Rio de Janeiro: Planeta, 1997.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN atualização – junho de 2016.** Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2017. Disponível em: http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/relatorio_2016_2211.pdf. Acesso em: 01 out. 2018.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FERREIRA, Júlia Mariano; COSTA, Marcelo Henrique da. Olhares de pertencimento: novos fotodocumentaristas sociais. **Revista Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 5, n. 6, p. 213-228. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1505>. Acesso em: 12 mai. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GANEM, Pedro Magalhães. **O que leva uma pessoa a praticar um crime?** Disponível em: <https://pedromaganem.jusbrasil.com.br/artigos/517310145/o-que-leva-uma-pessoa-a-praticar-um-crime>. Acesso em: 26 fev. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOBBI, Maria Cristina. Método biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Educação e trabalho como programas de “reinserção social”. In: LOURENÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (orgs.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas**. São Carlos: EduFSCAR, 2011.

KAFKA, Frank. **Na colônia penal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEITHEAD, Alastair. Stanford prison experiment continues to shock. **BBC News**, San Francisco, California, United States of America, 17 ago. 2011. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-14564182>. Acesso em: 13 mar. 2019.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1988.

LOMBARDI, Kátia Hallak. Documentário imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea. **Revista Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 4, n. 4, p. 36-58. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1505>. Acesso em: 31 mar. 2019.

MACHADO, Katia Regina. A política da estética da fotografia de Sebastião Salgado. **PROA Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, n. 4, p. 41-56. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/issue/view/134/11>. Acesso em: 27 nov. 2019.

MALHEIROS, Márcia Rita Trindade Leite. **O processo de pesquisa na graduação**. 2010. 27 f. Tese (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, 2010. Disponível em: www.profwillian.com/_diversos/download/prof/marciarita/Pesquisa_na_Graduacao.pdf.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**: métodos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

MELO, André Luis Alves de. **Artigo: pobreza causa crime?** Disponível em: <https://amp-pr.jusbrasil.com.br/noticias/2541895/artigo-pobreza-gera-crime-andre-luis-alves-de-melo-promotor-de-justica-em-mg>. 2011. Acesso em: 13 mar. 2019.

MELLO, Silvia Leser de. A violência urbana e a exclusão dos jovens. *In*: SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, Charles. História e fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64-89. jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/2175180308172016064/5681>. Acesso em: 31 mar. 2019.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Jor Atlas, 2009.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Escola da prisão: espaço de construção da identidade do homem aprisionado?. *In*: ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (org.). **Educação escolar entre as grades**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PERSICHETTI, Simonetta. Imagens da cidade contemporânea. *In*: COELHO, Cláudio Novaes P. KÜNSCH, Dimas A. MENEZES, José Eugenio de O (orgs.). **Estudos de comunicação contemporânea: perspectivas e trajetórias**. São Paulo: Plêiade, 2012.

PORTO, Paulo. Um olhar sobre José Medeiros. **Revista Brasileira de História da Mídia**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, jan 2013 / jun 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.212013>. Acesso em: 15 fev. 2019.

RACIONAIS MC'S. **Homem na estrada**. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. LP.

RAMOS, Marina Feldhues. **Conhecer fotolivros: (in) definições, histórias e processos de produção**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/28352/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Marina%20Feldhues%20Ramos.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2019.

SÁ, Alvino Augusto de. **Criminologia clínica e psicologia criminal**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007.

SERON, Paulo César. **Desafios e limites de (re)introduzir socialmente o egresso prisional no Brasil: um pensar sob a ótica da psicologia social**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/56938/desafios-e-limites-de-re-introduzir-socialmente-o-egresso-prisional-no-brasil/1>. Acesso em 10 mar. 2019.

SHANNON, Elizabeth. The rise of the photobook in the twenty-first century. **St Andrews Journal of Art History and Museum Studies**, Boston, n. 14, 2010. Disponível em: <https://www.st-andrews.ac.uk/media/school-of-art-history/pdfs/journalofahandms/riseofphotobook.pdf>. Acesso em 23 mar. 2019.

SHIKIDA, Pery. “Dizer que pobreza causa criminalidade é falácia”, diz pesquisador [setembro 2018]. Renato Souza. **Correio Braziliense**, Brasília, 04 setembro 2018. Portal online. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/09/04/interna-brasil,703920/dizer-que-pobreza-causa-criminalidade-e-falacia-diz-pesquisador.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2019.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 7, n. 2, jul / dez 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n2p403/14470>. Acesso em: 13 mai. 2019.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto: 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio**. 3 ed. Barueri: Manole, 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAMPIER, Débora. Um em cada quatro condenados reincide no crime, aponta pesquisa. **Agência CNJ de Notícias**, Brasília, 15 jul. 2015. Disponível em: <http://cnj.jus.br/noticias/cnj/79883-um-em-cada-quatro-condenados-reincide-no-crime-aponta-pesquisa>. Acesso em: 01 out. 2018.

ZIMBARDO, Philip. Stanford prison experiment continues to shock. [agosto 2011]. Alastair Leithead. **BBC News**, San Francisco, California, United States of America, 17 agosto 2011. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-14564182>. Acesso em: 13 mar. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMOS DE COLABORAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

I – ADRIANA XAVIER

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL • JORNALISMO

18 3229-2074
carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 • Bairro Limoeiro • CEP 19067-175 • Presidente Prudente-SP • www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, 01 de setembro de 2019.

Eu, Adriana Bergerand Xavier,
portador do RG nº 42793227-0, concordo em participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva, Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Jornalista “Roberto Marinho”, de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto intitulado “O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades” irá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto com meu depoimento, se necessário. Desta forma, também autorizo o uso de minha imagem em quaisquer materiais (fotolivro, exposição, vídeo promocional, etc) decorrentes da produção deste projeto.

Adriana B. Xavier
Assinatura

II – ALESSANDRA MENDES

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

18 3229-2074

carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 - Bairro Limeiro - CEP 19067-175 - Presidente Prudente-SP - www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, ____ de _____ de _____.

Eu, Alessandra dos Santos Virginia Mendes
 portador do RG nº 4717.531, concordo em participar do Trabalho
 de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva,
 Helena Pellim, Virginia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa,
 estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social
 Jornalista "Roberto Marinho", de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega
 está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto
 intitulado "O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades" irá
 registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com os
 membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto
 com meu depoimento, se necessário. Desta forma, também autorizo o uso de
 minha imagem em quaisquer materiais (fotolivro, exposição, vídeo promocional,
 etc) decorrentes da produção deste projeto.

Alessandra dos Santos V.M.
 Assinatura

III – ANDRÉ GUIMARÃES

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL • JORNALISMO

18 3229-2074

carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 • Bairro Limoeiro • CEP 19067-175 • Presidente Prudente-SP • www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, 03 de outubro de 2019.

Eu, André Aparecido Guimarães Lima,
 portador do RG nº 433.808.752-0 concordo em participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva, Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Jornalista “Roberto Marinho”, de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto intitulado “O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades” irá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto com meu depoimento, para o conhecimento da minha história de vida. Desta forma, também autorizo o uso de minha imagem em quaisquer materiais (fotolivreto, exposição, vídeo promocional, etc) decorrentes da produção deste projeto.

André Ap. Guimarães Lima
 Assinatura

IV – ANGELITA CAVALCANTI

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

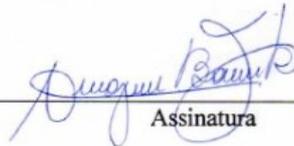
18 3229-2074
carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 - Bairro Limoeiro - CEP 19067-175 - Presidente Prudente-SP - www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, 15 de outubro de 2019.

Eu, Angelita Barros Ribas Cavalcanti,
portador do RG nº 30.468.819-8, concordo em participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva, Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Jornalista "Roberto Marinho", de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto intitulado "O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades" irá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto com meu depoimento, se necessário. Desta forma, também autorizo o uso de minha imagem em quaisquer materiais (fotolivre, exposição, vídeo promocional, etc) decorrentes da produção deste projeto.


Assinatura

V – EMANUEL MENDES

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

18 3229-2074
carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 • Bairro Limoeiro • CEP 19067-175 • Presidente Prudente-SP • www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, ____ de ____ de ____.

Eu, Alexandra dos Santos Virgínia Mendes
portador do RG nº 47777531, autorizo o uso da imagem de
Emanuel P. Virgínia Mendes, RG nº
642650274, pelo(a) qual sou legalmente responsável, no Trabalho
de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva,
Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa,
estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social
Jornalista "Roberto Marinho", de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega
está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto
intitulado "O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades"
poderá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com
os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto
com meu depoimento, se necessário. Desta forma, também autorizo o uso de
minha imagem em quaisquer materiais (fotolivro, exposição, vídeo promocional,
etc) decorrentes da produção deste projeto.

Alexandra dos Santos VM

Assinatura (Responsável)

VI – FABIANO FERNANDES

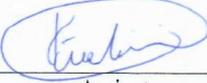
Unoeste **CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL • JORNALISMO**
 18 3229-2074
 carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 • Bairro Limoeiro • CEP 19067-175 • Presidente Prudente-SP • www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, 15 de 03 de 19.

Eu, FABIANO FERNANDES DA SILVA,
 portador do RG nº HS282027, concordo em participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva, Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Jornalista "Roberto Marinho", de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto intitulado "O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades" irá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto com meu depoimento, para o conhecimento da minha história de vida. Desta forma, também autorizo o uso de minha imagem em quaisquer materiais (fotolivro, exposição, vídeo promocional, etc) decorrentes da produção deste projeto.


 Assinatura 997746969

VII – GUILHERME VOLTARELLI

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL • JORNALISMO

18 3229-2074

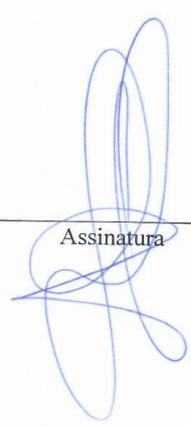
carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 • Bairro Limoeiro • CEP 19067-175 • Presidente Prudente-SP • www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, 05 de Outubro de 2019.

Eu, Guilherme Pereira Voltarelli,
portador do RG nº 48.830.424-6, concordo em participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva, Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Jornalista "Roberto Marinho", de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto intitulado "O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades" irá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto com meu depoimento, se necessário. Desta forma, também autorizo o uso de minha imagem em quaisquer materiais (fotolivro, exposição, vídeo promocional, etc) decorrentes da produção deste projeto.


Assinatura

VIII – ITAMAR XAVIER

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
18 3229-2074

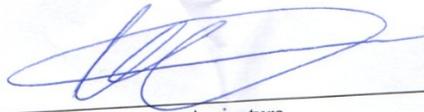
carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 • Bairro Limoeiro • CEP 19067-175 • Presidente Prudente-SP • www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, ____ de ____ de ____.

Eu, Itamar Xavier de Camargo, portador do RG nº 305346040, concordo em participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva, Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Jornalista "Roberto Marinho", de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto intitulado "O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades" irá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto com meu depoimento, para o conhecimento da minha história de vida. Desta forma, também autorizo o uso de minha imagem em quaisquer materiais (fotolivro, exposição, vídeo promocional, etc) decorrentes da produção deste projeto.



Assinatura

IX – JURANDIR MENDES

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

18 3229-2074

carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 - Bairro Limeiro - CEP 19067-175 - Presidente Prudente-SP - www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, ____ de _____ de _____.

Eu, JURANDIR MENDES,
portador do RG nº 406040.492-8, concordo em participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva, Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Jornalista "Roberto Marinho", de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto intitulado "O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades" irá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto com meu depoimento, para o conhecimento da minha história de vida. Desta forma, também autorizo o uso de minha imagem em quaisquer materiais (fotolivro, exposição, vídeo promocional, etc) decorrentes da produção deste projeto.

JURANDIR MENDES

Assinatura

X – LOREN CAVALCANTI

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

18 3229-2074
carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 • Bairro Limoeiro • CEP 19067-175 • Presidente Prudente-SP • www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, 15 de Outubro de 2019.

Eu, Loren Rihos Cavalcanti,
portador do RG nº 60.691.627, autorizo o uso da imagem de
Manuel Francisco Cavalcanti, RG nº
28.492.209-2, pelo(a) qual sou legalmente responsável, no Trabalho
de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva,
Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa,
estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social
Jornalista "Roberto Marinho", de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega
está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto
intitulado "O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades"
poderá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com
os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto
com meu depoimento, se necessário. Desta forma, também autorizo o uso de
minha imagem em quaisquer materiais (fotolivro, exposição, vídeo promocional,
etc) decorrentes da produção deste projeto.



Assinatura (Responsável)

XI – MARCELO CAVALCANTI

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL • JORNALISMO

18 3229-2074

carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 • Bairro Limoeiro • CEP 19067-175 • Presidente Prudente-SP • www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, 15 de Outubro de 2019.

Eu, Marcelo Faustino Cavalcanti, portador do RG nº 28.432-209-2, concordo em participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva, Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Jornalista "Roberto Marinho", de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto intitulado "O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades" irá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto com meu depoimento, para o conhecimento da minha história de vida. Desta forma, também autorizo o uso de minha imagem em quaisquer materiais (fotolivro, exposição, vídeo promocional, etc) decorrentes da produção deste projeto.


Assinatura

XII – OSVALDO PESSOA

Unoeste

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL • JORNALISMO

18 3229-2074
carolina@unoeste.br

Campus II Rodovia Raposo Tavares, KM 572 • Bairro Limoeiro • CEP 19067-175 • Presidente Prudente-SP • www.unoeste.br

TERMO DE COLABORAÇÃO E DE DIREITO DE USO DE IMAGEM

Presidente Prudente, 05 de Outubro de 2019.

Eu, _____,
portador do RG nº _____, concordo em participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos Heitor Pedroso Alves da Silva, Helena Pellim, Virgínia Faustino da Cruz e Wellington Pelegrino Costa, estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social Jornalista “Roberto Marinho”, de Presidente Prudente (FACOPP), cuja entrega está prevista para ocorrer em dezembro de 2019. Estou ciente de que o projeto intitulado “O Homem na Estrada: fotodocumentação da vida após as grades” irá registrar meu cotidiano por meio de fotografias e aceito colaborar com os membros do grupo durante o período estipulado, tanto com as fotos quanto com meu depoimento, se necessário. Desta forma, também autorizo o uso de minha imagem em quaisquer materiais (fotolivro, exposição, vídeo promocional, etc) decorrentes da produção deste projeto.



 Assinatura

APÊNDICE B – PAUTAS DE ENTREVISTA

I – ADRIANA XAVIER

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Itamar foi preso três vezes por assalto a mão armada e sua última prisão foi ano de 2002. Sua pena acabou no ano de 2006, e ele diz que nesse momento, logo após ser liberto, pensou em voltar ao crime pois não via nenhuma perspectiva de vida para si, pois não possuía nenhuma experiência anterior de trabalho e nem mesmo qualificação. Nessa época ele conheceu pessoas que o ajudaram a se reerguer, como Adriana, que hoje é sua esposa. Ela o apresentou à comunidade da Igreja Nova Jerusalém em Presidente Prudente, que o apoiaram e buscaram oportunidades para que ele não voltasse ao crime. Segundo Itamar, os pais de Adriana foram resistentes ao relacionamento no começo por conta da situação dele, mas Itamar conseguiu conquistar a confiança dos futuros sogros com o tempo e investindo na sua recuperação.

ENTREVISTADOR: Heitor Pedroso

ROTEIRO:

Nome: Adriana Xavier

Telefone: (18) 99624-0084

Endereço: R. João de Sousa, 53, casa 3. Jardim Iguaçú, Presidente Prudente/SP.

Data e Horário da Entrevista: 01/09/2019, 17h30.

PERGUNTAS:

1. Como vocês se conheceram?
 2. Qual foi sua primeira impressão dele? Ela se manteve com o passar do tempo?
 3. Como foi quando você ficou sabendo que ele já tinha sido preso?
 4. De onde surgiu a ideia de levá-lo para a Igreja?
 5. Como vocês começaram a namorar?
 6. Como foi apresentá-lo para seus pais? (Houve resistência por parte deles? Que tipo de coisas eles diziam?)
 7. Você acredita que a convivência com você o ajudou a se recuperar?
 8. Pra você, qual a importância do tipo de ambiente e ajuda que a Igreja deu ao Itamar para que ele se recuperasse?
 9. Na sua opinião, o que é necessário para que uma pessoa não retorne ao crime?
-

II – ALESSANDRA MENDES

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas. A ideia é contar essas histórias de forma concisa e breve, mas com informações o suficientes para que o leitor se sinta impactado pelas histórias dos personagens ao ponto de levantar reflexões sobre as mesmas.

DADOS: Alessandra é esposa de Jurandir, foi ela quem sofreu a agressão que o levou para a prisão pela segunda vez. Ela já trabalhou como diarista e babá, porém hoje encontra-se desempregada assim como o marido. A entrevista em questão busca entender os aspectos da estrutura familiar, a forma como as atitudes de Jurandir interferiram em sua vida durante a prisão dele e depois que ele foi solto, as dificuldades enfrentadas e os planos e desejos para o futuro.

ENTREVISTADOR: Helena Pellim

ROTEIRO:

Nome: Alessandra Mendes

Telefone: (18) 99651-1997

Endereço: Rua Miguel Soler Martins, nº 40, Jardim Soledade. Pirapozinho/SP

Data: 25/08/2019 às 15h30

PERGUNTAS:

1. Por que você decidiu perdoá-lo?
 2. Como foi a comunicação de vocês enquanto ele estava preso?
 3. Qual era o seu pensamento, estando aqui fora, enquanto ele estava lá?
 4. Como foi quando ele saiu? Você se lembra daquele dia?
 5. Vocês tiveram dificuldade para voltar a conviver?
 6. Como é a relação de vocês hoje?
 7. O que você sente quando lembra do passado?
 8. O que você deseja para o futuro de vocês?
 9. Como aquela situação afetou o relacionamento de vocês?
 10. Você sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher de ex-detento?
 11. Você acha que, de alguma forma, sua dificuldade para encontrar emprego pode estar ligada a esse tipo de preconceito?
 12. Demorou para a relação familiar de vocês ficar estável novamente?
 13. Hoje como vocês lidam com as dificuldades que enfrentam?
 14. Você acredita que essa última prisão fez o Jurandir mudar de alguma forma?
 15. Ele te ajuda em casa de alguma forma?
-

III – ANDRÉ GUIMARÃES PRIMEIRA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: André topou participar do fotolivro. Ele trabalha na empresa Voltarelli, na empilhadeira. É um dos amigos de Fabiano.

ENTREVISTADOR: Virginia Faustino

ROTEIRO:

Nome: André Guimarães

Telefone: (18) 99667-7892

Endereço: Av. Paulo Marcondes, 1.281. Parque Alto Bela Vista, Presidente Prudente/SP (Voltarelli Produtos para Marcenaria).

Data e Horário da Entrevista: 25/09/2019, 15h.

PERGUNTAS:

1. Onde você nasceu? Conte um pouco sobre a sua infância e a história da sua família.
2. Como era sua vida na sua adolescência?
3. Você sentiu algum tipo de preconceito na sua vida devido a sua situação econômica nesta época?
4. Como era o relacionamento entre você e sua família nessa época?
5. Quando você entrou pro crime/ ou O que levou você a cometer esse crime?
6. Como foi o momento da sua prisão? Como você se sentiu por estar passando por aquela situação?
7. Como foi o seu processo judicial até o momento da condenação?
8. Como foi o período que você passou preso?
9. Conte um pouco sobre o que você viveu na penitenciária?
10. Como você acha que foi para a sua família ver você passando por aquela situação?
11. Como foi a sua relação com a sua família durante o período em que você esteve preso?
12. Quais as dificuldades que eles enfrentaram aqui fora enquanto você estava preso? Você sabe algo sobre isso?
13. Como foi o momento em que você foi liberto?
14. Você teve algum auxílio por parte do sistema para se reintegrar na sociedade?
15. Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou logo após sair?
16. Quais tipos de preconceito você passou por ser alguém que já passou pelo sistema penitenciário?

17. Quais são seus principais arrependimentos?
18. Você acredita que essa situação de cárcere te ensinou algo que você acredita que não aprenderia de outra forma?
19. Quais são as dificuldades que você enfrenta hoje?
20. Depois que você saiu, foi difícil conseguir emprego?
21. Como foi a sua adaptação aqui fora?
22. Você tem mais alguma coisa que gostaria de relatar?

IV – ANDRÉ GUIMARÃES SEGUNDA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: André foi preso aos 18 anos por tráfico, associação de tráfico e corrupção de menor. Ficou dois anos e oito meses preso. Teve uma infância sem muitas amizades, por ser tímido e por não sair muito nas ruas, acabou conhecendo más companhias, que acabaram o levando para o crime. Por conta disso abandonou a escola, mas até então, era um ótimo aluno, dedicado e esforçado. Tinha um dom, que era o de desenhar. E com o seu lucro das drogas, comprou a maquininha e a tinta para dar início ao seu trabalho. Fez uma tatuagem no seu amigo e parceiro de tráfico, que o pagou em drogas. Quando eles foram pegar as drogas, uma viatura os bordou e é aonde eles foram presos, dois menores e só ele de menor. Ficando dois anos e oito meses presos.

ENTREVISTADOR: Virginia Faustino

ROTEIRO:

Nome: André Guimarães

Telefone: (18) 99667-7892

Endereço: Av. Paulo Marcondes, 1.281. Parque Alto Bela Vista, Presidente Prudente/SP (Voltarelli Produtos para Marcenaria).

Data e Horário da Entrevista: 30/09/2019, 15h.

PERGUNTAS:

1. Como foi o primeiro dia quando você foi liberto? Como você se sentiu, o que você pensou, onde você foi?
2. Como você foi recebido pelas pessoas (família e amigos) depois que você deixou a cadeia?

3. E como é a sua convivência com essas pessoas hoje?
 4. Você mantém relação com as pessoas que se envolveram no crime junto com você? Eles te ofereceram oportunidades no crime novamente? Como você reagiu? E como eles reagiram a você?
 5. Caso tenha tido oportunidade de voltar ao crime, o que te fez recusar?
 6. Como foi arrumar um emprego depois que você saiu?
 7. Como foi a sua primeira entrevista de emprego para entrar na voltarelli?
 8. Como foi para você conseguir o seu primeiro salário com emprego regular?
 9. Tem mais alguma história que você gostaria de relatar que te marcou depois que você foi liberto?
 10. Quais os tipos de preconceito que passou por já ter passado pelo sistema carcerário?
 11. Como você lida com isso?
-

V – EMERSON TAVARES

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Emerson Tavares é assistente social na Defensoria Pública de Presidente Prudente e pode ter dados ou ideias sobre as divergências entre pesquisa e observação em relação à empregabilidade observada nas situações dos nossos personagens.

ENTREVISTADOR: Heitor Pedroso

ROTEIRO:

Nome: Emerson Tavares

Telefone: +55 18 99776 8769

Endereço: Rua Comendador João Peretti, 86, Jardim Paulista (Defensoria Pública de Presidente Prudente)

Data e Horário da Entrevista: 17/09/2019, 13h

PERGUNTAS:

1. Nós temos observado diferenças entre a teoria e a prática, em especial no que diz respeito à recolocação profissional (quatro dos cinco personagens estão empregados). A que você atribui essa inconsistência? (se necessário, apresentar resumidamente as histórias dos personagens)
2. O tipo de crime pode influenciar na facilidade ou dificuldade de conseguir

- emprego após a pena?
3. O quanto o ambiente pós-cárcere influencia na capacidade da recuperação do indivíduo que já foi preso?
 4. Você acredita que exista diferença de ambiente entre o interior do país e os grandes centros nesse sentido?
 5. (espaço para comentários do entrevistado em relação às histórias dos personagens)
-

VI – ERALDO ALFARO

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Itamar foi preso três vezes por assalto a mão armada e sua última prisão foi ano de 2002. Sua pena acabou no ano de 2006, e ele diz que nesse momento, logo após ser liberto, pensou em voltar ao crime pois não via nenhuma perspectiva de vida para si, pois não possuía nenhuma experiência anterior de trabalho e nem mesmo qualificação. Nessa época ele conheceu pessoas que o ajudaram a se reerguer, entre elas Eraldo, membro da Igreja Nova Jerusalém, em Presidente Prudente. Segundo Itamar, Eraldo foi um dos mais presentes no apoio e recuperação, por vezes mobilizando membros a atender dificuldades financeiras que Itamar passou, como a compra de cestas básicas e outras necessidades básicas.

ENTREVISTADOR: Heitor Pedroso

ROTEIRO:

Nome: Eraldo Alfaro

Telefone: (18) 99632-0865

Endereço da entrevista: Rod. Comendador Alberto Bonfiglioli, 2700 (Inova Prudente)

Data e Horário da Entrevista: 28/08/2019, 15h

PERGUNTAS:

1. Como você conheceu o Itamar?
2. Que tipo de ajuda você e os outros membros da Igreja deram a ele?
3. O que te levou a investir na recuperação dele?
4. Isso é uma prática comum nessa comunidade? Muitos casos parecidos já apareceram na Igreja?
5. O quão estruturada é essa iniciativa? Existe uma organização oficial?

6. Qual a importância que você vê nesse tipo de ajuda?
 7. Você acredita que o Itamar teria sido capaz de se recuperar sem o apoio do grupo?
 8. No seu ponto de vista, o que é necessário para que alguém que já foi preso não volte ao crime?
-

VII – FABIANO FERNANDES PRIMEIRA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Fabiano já trabalhava na empresa Voltarelli Madeiras quando foi preso no ano de 2008 por tráfico de drogas em associação com membros do Primeiro Comando da Capital (PCC). Sua prisão aconteceu graças ao grampo telefônico. Ele entrou no mundo do crime devido ao dinheiro fácil, e boa parte de seus “clientes” eram pessoas de classe alta, como médicos e promotores. Durante seu tempo preso ele diz ter vivenciado várias rebeliões e inclusive execuções. Após sair da cadeia ele recebeu uma segunda chance na empresa na qual trabalhava, local onde segue empregado até hoje.

ENTREVISTADOR: Virginia Faustino

ROTEIRO:

Nome: Fabiano Fernandes

Telefone: (18) 99774-6969

Endereço: Av. Paulo Marcondes, 1.281. Parque Alto Bela Vista, Presidente Prudente/SP (Voltarelli Produtos para Marcenaria).

Data e Horário da Entrevista: 26/07/2019, às 12h.

PERGUNTAS:

1. Onde você nasceu? Conte um pouco sobre a sua infância e a história da sua família.
2. Como era sua vida na sua adolescência?
3. Você sentiu algum tipo de preconceito na sua vida devido a sua situação econômica nesta época?
4. Como era o relacionamento entre você e sua família nessa época?
5. Quando você entrou pro crime/ ou O que levou você a cometer esse crime?
6. Como foi o momento da sua prisão? Como você se sentiu por estar passando por aquela situação?
7. Como foi o seu processo judicial até o momento da condenação?
8. Como foi o período que você passou preso?
9. Conte um pouco sobre o que você viveu na penitenciária?

10. Como você acha que foi para a sua família ver você passando por aquela situação?
 11. Como foi a sua relação com a sua família durante o período em que você esteve preso?
 12. Quais as dificuldades que eles enfrentaram aqui fora enquanto você estava preso? Você sabe algo sobre isso?
 13. Como foi o momento em que você foi liberto?
 14. Você teve algum auxílio por parte do sistema para se reintegrar na sociedade?
 15. Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou logo após sair?
 16. Quais tipos de preconceito você passou por ser alguém que já passou pelo sistema penitenciário?
 17. Quais são seus principais arrependimentos?
 18. Você acredita que essa situação de cárcere te ensinou algo que você acredita que não aprenderia de outra forma?
 19. Quais são as dificuldades que você enfrenta hoje?
-

VIII – FABIANO FERNANDES SEGUNDA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens. A ideia é compreender os motivos que os levaram aos crimes praticados e, principalmente, as dificuldades enfrentadas após o cumprimento de suas penas. As entrevistas buscam se aprofundar na vida dos personagens, para que se possa conhecer o máximo possível de detalhes e, assim, essas informações passarão a sustentar a construção de imagens que representarão o valor humano dos relatos coletados nas entrevistas em profundidade.

DADOS: Fabiano já trabalhava na empresa Voltarelli Madeiras quando foi preso no ano de 2008 por tráfico de drogas em associação com membros do Primeiro Comando da Capital (PCC). Sua prisão aconteceu graças ao grampo telefônico. Ele entrou no mundo do crime devido ao dinheiro fácil e boa parte de seus “clientes” eram pessoas de classe alta, como médicos e promotores. Durante seu tempo na prisão ele diz ter vivenciado várias rebeliões e inclusive execuções. Após sair da cadeia ele recebeu uma segunda chance na empresa na qual trabalhava, local onde segue empregado até hoje.

ENTREVISTADOR: Virginia Faustino

ROTEIRO:

Nome: Fabiano Fernandes

Telefone: (18) 99774-6969

Endereço: Av. Paulo Marcondes, 1.281. Parque Alto Bela Vista, Presidente Prudente/SP (Voltarelli Produtos para Marcenaria).

Data da Entrevista: 14/08/2019

PERGUNTAS:

1. Como era o seu cotidiano na penitenciária?
2. Qual foi a diferenças nas duas penitenciarias que você ficou?
3. Você acha que conhecer os diretores, gerou incomodo entre os demais presos?
4. Como foi dito na última entrevista, presos com bom comportamento conseguem trabalhar aqui fora. Você conseguiu trabalhar aqui fora ou ficou apenas na cozinha na penitenciária de Pacaembu?
5. Quanto tempo você ficou em cada penitenciária?
6. Como era a convivência nas penitenciárias?
7. Como foi a sua relação com a sua família durante o período em que você esteve preso?
8. Por que primeiro você foi para Caiuá?
9. Você sofreu alguma punição lá dentro?
10. Como foi sua transferência? Houve uma grande mudança entre os locais que você ficou?
11. Como foram seus primeiros meses fora da prisão?
12. Como você se readaptou ao cotidiano fora da cadeia?
13. Fala sobre o seu dia-a-dia atualmente, você pretende mudar para Prudente?

IX – FABIANO FERNANDES TERCEIRA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: Esta entrevista terá direcionamento completo na vida após as grades e o que fez com que o Fabiano não voltasse para o crime.

DADOS: Fabiano já trabalhava na empresa Voltarelli Madeiras quando foi preso no ano de 2008 por tráfico de drogas em associação com membros do Primeiro Comando da Capital (PCC). Sua prisão aconteceu graças ao grampo telefônico. Ele entrou no mundo do crime devido ao dinheiro fácil, e boa parte de seus “clientes” eram pessoas de classe alta, como médicos e promotores. Durante seu tempo preso ele diz ter vivenciado várias rebeliões e inclusive execuções. Após sair da cadeia ele recebeu uma segunda chance na empresa na qual trabalhava, local onde segue empregado até hoje.

ENTREVISTADOR: Heitor Pedroso

ROTEIRO:

Nome: Fabiano Fernandes

Telefone: (18) 99774-6969

Endereço: Av. Paulo Marcondes, 1.281. Parque Alto Bela Vista, Presidente Prudente/SP (Voltarelli Produtos para Marcenaria).

Data da Entrevista: 27/08/2019

PERGUNTAS:

1. Qual foi seu sentimento ao saber que ia sair?

2. Que dia você saiu?
3. O que você sentiu ao pisar o pé fora da penitenciária?
4. Me conta como foi seu o primeiro dia após sair?
5. Como foi ver sua mãe depois de sair?
6. Sua família te auxiliou na sua volta as ruas?
7. Suas relações com as pessoas que conhecia, mudaram após ser preso?
8. Já te trataram mal em algum estabelecimento por saber que você foi preso?
9. O que você fez para mudar esse olhar das pessoas?
10. Você recebeu alguma ajuda do governo após ter saído?
11. Se não, você sabe que existe um órgão para te auxiliar nesse fora?
12. Se sim, no que eles te auxiliaram?
13. Quando você saiu, teve algum contato com essas pessoas que te levaram para o crime?
14. Alguém te deu oportunidade de voltar para o crime?
15. O que te fez não querer voltar para o crime aqui fora?

X – GUILHERME VOLTARELLI

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Guilherme Voltarelli é chefe do Fabiano há x anos, empresa onde trabalhou antes e depois de ser preso.

ENTREVISTADOR: Virginia Faustino

ROTEIRO:

Nome: Guilherme Voltarelli

Telefone: (18) 99792-2220

Endereço: Av. Paulo Marcondes, 1.281. Parque Alto Bela Vista, Presidente Prudente/SP (Voltarelli Produtos para Marcenaria).

Data da Entrevista: 19/08/2019

PERGUNTAS:

1. Quando você conheceu o Fabiano?
2. Ele sempre foi bom funcionário?
3. Qual foi a reação de vocês ao saber que ele tinha sido preso?
4. Por que vocês decidiram dar essa segunda chance a ele?
5. No que a prisão afetou o Fabiano em relação ao que ele era e como ele é agora?
6. Você vê mudanças no comportamento dele, que melhoraram no trabalho?
7. Pesquisas apontam que grande parte das pessoas que saem da prisão,

possuem dificuldade para se realocar no mercado de trabalho. Você vê em outros locais essa diferença?

8. Você acredita que as pessoas deveriam dar mais oportunidades a ex detentos?
 9. Você vê o Fabiano como um privilegiado nessa situação?
-

XI – GUSTAVO PICCHI PRIMEIRA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Gustavo Picchi é defensor público e Coordenador da Execução Penal da Defensoria Pública de Presidente Prudente. Ele será uma das fontes especialistas do trabalho.

ENTREVISTADOR: Heitor Pedroso

ROTEIRO:

Nome: Gustavo Picchi

Telefone: +55 11 98166-4035

Endereço: R. 12 De Outubro, 1.218 - Vila do Estádio, Presidente Prudente/SP (Bar da Doze).

Data e Horário da Entrevista: 12/09/2019, 20h

PERGUNTAS:

1. Na sua concepção, qual é a função da prisão na sociedade? Ela cumpre essa função?
 2. Na nossa pesquisa, encontramos autores que criticam o sistema penitenciário e que o apontam como um “fracasso”. Você concorda com essa visão? Por quê?
 3. A partir da nossa pesquisa, encontramos especialistas que falam sobre a estigmatização da imagem do criminoso, inclusive abominando termos que o definam pela sua condenação. Como você vê esse argumento?
 4. Se usar qualquer termo que remeta ao período em cárcere desses indivíduos para nos referirmos a eles é estigmatizante, qual é a nossa alternativa, para fins de pesquisa?
-

XII – GUSTAVO PICCHI SEGUNDA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Gustavo Picchi é defensor público e Coordenador da Execução Penal da Defensoria Pública de Presidente Prudente. Ele já colabora com o TCC desde o segundo semestre de 2018.

ENTREVISTADOR: Heitor Pedroso

ROTEIRO:

Nome: Gustavo Picchi

Telefone: +55 11 98166-4035

Endereço: R. Cel. Albino, 279 - Vila Maristela, Presidente Prudente/SP (Eden Beer Cervejaria).

Data e Horário da Entrevista: 12/09/2019, 20h

PERGUNTAS:

5. Nós temos observado diferenças entre a teoria e a prática, em especial no que diz respeito à recolocação profissional (quatro dos cinco personagens estão empregados). A que você atribui essa inconsistência? (se necessário, apresentar resumidamente as histórias dos personagens)
6. O quanto o ambiente pós-cárcere influencia na capacidade da recuperação do indivíduo que já foi preso?
7. Você acredita que exista diferença de ambiente entre o interior do país e os grandes centros nesse sentido?
8. (espaço para comentários do entrevistado em relação às histórias dos personagens)

XIII – ITAMAR XAVIER PRIMEIRA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Itamar foi preso três vezes por assalto a mão armada e sua última prisão foi ano de 2002. Sua pena acabou no ano de 2006, e ele diz que nesse momento,

logo após ser liberto, pensou em voltar ao crime pois não via nenhuma perspectiva de vida para si, pois não possuía nenhuma experiência anterior de trabalho e nem mesmo qualificação. Nessa época ele conheceu pessoas que o ajudaram a se reerguer, hoje ele tem projetos voltados à pessoas que saem do sistema penitenciário, já escreveu livros sobre o assunto e ministra palestras e oficinas.

ROTEIRO:

Nome: Itamar Xavier

Telefone: (18) 99812-0369

Endereço (comercial): Rod. Comendador Alberto Bonfiglioli, 2700 (Inova Prudente)

Data e Horário da Entrevista: 12/08/2019, 14h

PERGUNTAS:

1. Onde você nasceu? Conte um pouco sobre a sua infância e a história da sua família.
 2. Como era sua vida na sua adolescência?
 3. Você sentiu algum tipo de preconceito na sua vida devido a sua situação econômica nesta época?
 4. Como era o relacionamento entre você e sua família nessa época?
 5. Quando você entrou pro crime/ ou O que levou você a cometer esse crime?
 6. Como foi o momento da sua prisão? Como você se sentiu por estar passando por aquela situação?
 7. Como foi o seu processo judicial até o momento da condenação?
 8. Como foi o período que você passou preso?
 9. Conte um pouco sobre o que você viveu na penitenciária?
 10. Como você acha que foi para a sua família ver você passando por aquela situação?
 11. Como foi a sua relação com a sua família durante o período em que você esteve preso?
 12. Quais as dificuldades que eles enfrentaram aqui fora enquanto você estava preso? Você sabe algo sobre isso?
 13. Como foi o momento em que você foi liberto?
 14. Você teve algum auxílio por parte do sistema para se reintegrar na sociedade?
 15. Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou logo após sair?
 16. Quais tipos de preconceito você passou por ser alguém que já passou pelo sistema penitenciário?
 17. Quais são seus principais arrependimentos?
 18. Você acredita que essa situação de cárcere te ensinou algo que você acredita que não aprenderia de outra forma?
 19. Quais são as dificuldades que você enfrenta hoje?
-

XIV – ITAMAR XAVIER SEGUNDA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Itamar foi preso três vezes por assalto a mão armada e sua última prisão foi ano de 2002. Sua pena acabou no ano de 2006, e ele diz que nesse momento, logo após ser liberto, pensou em voltar ao crime pois não via nenhuma perspectiva de vida para si, pois não possuía nenhuma experiência anterior de trabalho e nem mesmo qualificação. Nessa época ele conheceu pessoas que o ajudaram a se reerguer, hoje ele tem projetos voltados à pessoas que saem do sistema penitenciário, já escreveu livros sobre o assunto e ministra palestras e oficinas como professor de artes. Acredita que a formação cultural e humana de cada pessoa é formada pelas outras pessoas que a cercam e, por isso, defende o uso da educação na recuperação de criminosos.

ROTEIRO:

Nome: Itamar Xavier

Telefone: (18) 99812-0369

Endereço (comercial): Rod. Comendador Alberto Bonfiglioli, 2700 (Inova Prudente)

Data e Horário da Entrevista: 19/08/2019, 14h

PERGUNTAS:

1. Quanto à sua família, manteve o contato com eles após a pena?
 2. Você não mencionou seus pais. Onde eles estão?
 3. No nosso encontro anterior, você mencionou que encontrou um grupo de uma igreja que te ajudou a se reestabelecer. Quem eram essas pessoas?
 4. De qual igreja?
 5. Em que época isso aconteceu?
 6. Como você chegou a conhecê-las?
 7. Dentre essas pessoas, quais foram mais presentes no apoio? Você ainda mantém contato com elas? (pedir contato)
 8. Você indicou esse ou outros grupos para outros companheiros que passaram pelo sistema?
 9. Como surgiu a ideia de cursar Pedagogia?
 10. E a pós-graduação?
 11. Além de servir como uma espécie de modelo, o que você tem feito para ajudar seus colegas a não voltarem para o crime?
-

XV – JURANDIR MENDES PRIMEIRA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Jurandir foi preso no ano de 2017 enquadrado na lei Maria da Penha (agressão doméstica). Passou 3 meses preso e após sair do cárcere foi demitido de seu antigo emprego na Charqueada Favorito, onde já atuava há quase dois anos. Hoje ele segue buscando emprego e mora com a esposa e o filho.

ENTREVISTADOR: Helena Pellim

ROTEIRO:

Nome: Jurandir Mendes

Telefone: (18) 99651-1997

Endereço: Rua Miguel Soler Martins, nº 40, Jardim Soledade. Pirapozinho/SP

Data: 09/05/2019 às 14h30

PERGUNTAS:

1. Onde você nasceu? Conte um pouco sobre a sua infância e a história da sua família.
2. Como era sua vida na sua adolescência?
3. Você sentiu algum tipo de preconceito na sua vida devido a sua situação econômica nesta época?
4. Como era o relacionamento entre você e sua família nessa época?
5. Quando você entrou pro crime/ ou O que levou você a cometer esse crime?
6. Como foi o momento da sua prisão? Como você se sentiu por estar passando por aquela situação?
7. Como foi o seu processo judicial até o momento da condenação?
8. Como foi o período que você passou preso?
9. Conte um pouco sobre o que você viveu na penitenciária?
10. Como você acha que foi para a sua família ver você passando por aquela situação?
11. Como foi a sua relação com a sua família durante o período em que você esteve preso?
12. Quais as dificuldades que eles enfrentaram aqui fora enquanto você estava preso? Você sabe algo sobre isso?
13. Como foi o momento em que você foi liberto?
14. Você teve algum auxílio por parte do sistema para se reintegrar na sociedade?
15. Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou logo após sair?
16. Quais tipos de preconceito você passou por ser alguém que já passou pelo sistema penitenciário?

17. Quais são seus principais arrependimentos?
 18. Você acredita que essa situação de cárcere te ensinou algo que você acredita que não aprenderia de outra forma?
 19. Quais são as dificuldades que você enfrenta hoje?
-

XVI – JURANDIR MENDES SEGUNDA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas. As entrevistas buscam se aprofundar na vida dos personagens, para que se possa conhecer o máximo possível de detalhes dos mesmos tanto no âmbito pessoal, quando nas circunstâncias que os levaram ao mundo do crime.

DADOS: Jurandir foi preso pela última vez no ano de 2017 enquadrado na lei Maria da Penha (agressão doméstica). Passou 3 meses preso e após sair do cárcere foi demitido de seu antigo emprego na Charqueada Favorito, onde já atuava há quase dois anos. Anos antes ele já havia sido preso, condenado pelo crime de tráfico. Hoje ele segue buscando emprego e vivendo de pequenos bicos e da ajuda da família, e mora com a esposa, o filho e a enteada. Uma entrevista anterior já foi realizada para obter informações gerais sobre sua vida, desta vez buscaremos aprofundar em questões familiares e pessoais, e na próxima entrevista falaremos sobre sua experiência nas duas vezes em que foi preso.

ENTREVISTADOR: Helena Pellim

ROTEIRO:

Nome: Jurandir Mendes

Telefone: (18) 99651-1997

Endereço: Rua Miguel Soler Martins, nº 40, Jardim Soledade. Pirapozinho/SP

Data: 27/07/2019 às 14h30

PERGUNTAS:

1. Onde você nasceu?
2. Como era a relação familiar quando você era criança?
3. Você chegou a passar algum tipo de dificuldade nesta época?
4. Qual a pior memória que você tem da sua infância?
5. E a melhor?
6. Como foi a fase da sua adolescência?
7. Conte um pouco sobre como você se sentia naquela época, baseado nas dificuldades (ou não) que você e sua família passavam.
8. Quando você decidiu sair de casa e morar sozinho?
9. Como eram as suas amizades da época?
10. Como você conheceu sua esposa?

11. Como foi o início do relacionamento de vocês?
 12. Quando vocês se conheceram você já havia sido preso uma vez, baseado nesse fato você sentiu alguma relutância sobre ela ou a família dela em cima do relacionamento de vocês?
 13. A Alessandra (esposa) já tinha uma filha quando vocês se conheceram, como é sua relação com ela? Você e/ ela já tiveram alguma dificuldade de relacionamento?
 14. Quando vocês casaram?
 15. Quando o filho de vocês nasceu?
 16. Como é sua relação com ele?
 17. Depois de tudo o que vocês passaram, como é a relação de vocês, primeiro dentro de casa entre vocês, e depois entre o restante da família de ambas as partes?
-

XVII – JURANDIR MENDES TERCEIRA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens. A ideia é compreender os motivos que os levaram aos crimes praticados e, principalmente, as dificuldades enfrentadas após o cumprimento de suas penas. As entrevistas buscam se aprofundar na vida dos personagens, para que se possa conhecer o máximo possível de detalhes e, assim, essas informações passarão a sustentar a construção de imagens que representarão o valor humano dos relatos coletados nas entrevistas em profundidade.

DADOS: Jurandir foi preso pela última vez no ano de 2017, enquadrado na lei Maria da Penha (agressão doméstica) contra sua esposa Alessandra. Passou 3 meses preso e, após sair do cárcere, foi demitido de seu antigo emprego na Charqueada Favorito, onde trabalhou por quase dois anos. Anos antes ele já havia sido preso, condenado pelo crime de tráfico de drogas. Hoje, ele segue em busca de emprego e vive de pequenos bicos e da ajuda da família. Jurandir mora com a esposa, que o perdoou, o filho e a enteada. Esta entrevista tem como objetivo conhecer as circunstâncias que levaram à primeira prisão de Jurandir e as situações que ele enfrentou dentro e fora do presídio naquela época.

ENTREVISTADOR: Helena Pellim

ROTEIRO:

Nome: Jurandir Mendes

Telefone: (18) 99651-1997

Endereço: Rua Miguel Soler Martins, nº 40, Jardim Soledade. Pirapozinho/SP

Data: 04/08/2019 às 14h00

PERGUNTAS:

1. Qual foi o primeiro crime que você se lembra de presenciar?

2. E qual foi o primeiro que cometeu e quantos anos tinha quando o fato ocorreu?
 3. Durante o período que você passou morando em São Paulo você chegou a ter contato com o tráfico de drogas, ou foi apenas quando voltou para Pirapozinho?
 4. Quando você foi preso pela primeira vez? Você se lembra do momento e do que ocorreu naquele dia?
 5. Qual foi seu primeiro pensamento quando foi levado a penitenciária?
 6. Como foram seus primeiros dias lá?
 7. Qual a sua memória mais forte daquele período?
 8. Chegou a presenciar ou sofrer algum tipo de barbaridade ou violência lá dentro?
 9. Quanto tempo de pena você cumpriu?
 10. Quando você saiu de lá como sua família recebeu você?
 11. E como foi voltar ao mercado de trabalho?
 12. Você sentiu algum tipo de preconceito por parte das pessoas quando saiu de lá?
 13. Você teve algum auxílio dos programas sociais para se resocializar?
 14. Quais as maiores dificuldades que você enfrentou nesse período?
 15. Qual foi a maior lição que você aprendeu com sua primeira passagem pela prisão?
-

XVIII – JURANDIR MENDES QUARTA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens. A ideia é compreender os motivos que os levaram aos crimes praticados e, principalmente, as dificuldades enfrentadas após o cumprimento de suas penas. As entrevistas buscam se aprofundar na vida dos personagens, para que se possa conhecer o máximo possível de detalhes e, assim, essas informações passarão a sustentar a construção de imagens que representarão o valor humano dos relatos coletados nas entrevistas em profundidade. Esta entrevista busca saber sobre como a sociedade recebeu Jurandir após ser solto, as diferenças dessa recepção entre a primeira e a segunda prisão, e também qual seus objetivos e sonhos para o futuro.

DADOS: Nessa entrevista o objetivo é conhecer mais sobre as circunstâncias da segunda prisão de Jurandir, que aconteceu em 2017 e durou cinco meses. Ele foi enquadrado na lei Maria da Penha (agressão doméstica) contra sua esposa Alessandra. Após sair do cárcere, foi demitido de seu antigo emprego na Charqueada Favorito, onde trabalhou por quase dois anos. Anos antes ele já havia sido preso, condenado pelo crime de tráfico de drogas

ENTREVISTADOR: Helena Pellim

ROTEIRO:

Nome: Jurandir Mendes

Telefone: (18) 99651-1997

Endereço: Rua Miguel Soler Martins, nº 40, Jardim Soledade. Pirapozinho/SP

Data: 18/08/2019 às 14h30

PERGUNTAS:

1. Conte o que você se lembra do dia em que foi preso.
 2. Quais foram as circunstancias do crime?
 3. Quais foram as diferenças entre essa e a sua primeira prisão?
 4. Com quantas pessoas você chegou a dividir cela?
 5. Como foi o contato com a sua família enquanto você estava preso?
 6. Qual foi o seu primeiro pensamento quando você foi solto?
 7. Como sua família recebeu você?
 8. Que tipo de preconceito você sofreu quando voltou à sociedade?
 9. Qual foi o momento mais marcante depois que você foi solto?
 10. Qual foi a maior dificuldade que você enfrentou desde que saiu?
 11. Qual a maior mudança que ocorreu com você depois dessa prisão?
 12. Quais as maiores diferenças entre as duas vezes em que você foi solto?
 13. Você teve mais facilidade em encontrar emprego da primeira vez?
 14. Qual o maior sonho que você tem para o futuro?
 15. Qual a maior lição que você tirou da primeira vez que foi preso? E da segunda?
-

XIX – JURANDIR MENDES QUINTA ENTREVISTA

ENCAMINHAMENTO: Levando em conta as entrevistas anteriores, essa nova conversa busca explorar mais o lado emocional de sua libertação, com questões sobre o dia em que ele saiu, o preconceito que sofreu, as dificuldades que enfrenta e as perspectivas para o futuro. A forma como ele foi recebido pela família, pelos membros de sua igreja e como ele lida com o preconceito na hora de buscar emprego são aspectos a serem abordados também, para que se compreenda mais como a situação de cárcere pela qual passou afeta sua vida hoje, anos após sua libertação.

DADOS: Nessa entrevista o objetivo é conhecer mais sobre as circunstancias da segunda prisão de Jurandir, que aconteceu em 2017 e durou cinco meses. Ele foi enquadrado na lei Maria da Penha (agressão doméstica) contra sua esposa Alessandra. Após sair do cárcere, foi demitido de seu antigo emprego na Charqueada Favorito, onde trabalhou por quase dois anos. Anos antes ele já havia sido preso, condenado pelo crime de tráfico de drogas. Hoje ele segue desempregado e sofrendo situações de preconceito durante a busca por uma nova oportunidade de colocação no mercado de trabalho. Mora em Pirapozinho com a esposa, que o perdoou e com a enteada e o filho.

ENTREVISTADOR: Helena Pellim

ROTEIRO:

Nome: Jurandir Mendes

Telefone: (18) 99651-1997

Endereço: Rua Miguel Soler Martins, nº 40, Jardim Soledade. Pirapozinho/SP

Data: 25/08/2019 às 15h30

PERGUNTAS

1. Como foi os dias antes de você ser liberto? O que você pensava quando lembrava que estava para ser liberto?
2. Que dia você saiu?
3. Como foi reencontrar sua família?
4. E como foi a primeira conversa cara a cara que você teve com a Alessandra?
5. Qual foi seu primeiro pensamento quando você chegou em casa?
6. Você sentiu medo quando você saiu? De que?
7. Alguém da sua família chegou a se afastar de você?
8. Como foi o preconceito que você sofreu por ser ex-detento?
9. Além do preconceito no trabalho você sentiu isso em mais algum lugar? Como foi?
10. Você manteve contato com alguma das pessoas que estavam presas com você?
11. Levando em conta todas as dificuldades que você enfrenta hoje, você já considerou voltar para a vida no crime?
12. Qual a sua opinião sobre a lei Maria da Penha?
13. Como a sua relação com a sua religião foi importante para a sua recuperação?
14. Você já sofreu ou sofre algum tipo de preconceito dentro da igreja que frequenta?

XX – LUIZ HENRIQUE

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. Por meio das discussões da última orientação e discussão que tivemos entre nós, vamos entrevistar os personagens buscando e focando sempre no depois da liberdade.

DADOS: Luiz teve uma infância complicada ao perder a sua mãe aos 6 anos e seu pai aos 13. Foi criado pela sua vó. Foi preso em 2012, em Presidente Bernardes, por tráfico de Drogas. E hoje trabalha normalmente em uma fábrica de costura.

ENTREVISTADOR: Wellington Costa

ROTEIRO:

Nome: Luiz Henrique

Telefone: (18) 99139-7353

Endereço: Rua Armando Salles, 560, Centro. Piquerobi/SP.

Data e Horário da Entrevista: 26/08/2019, 19h

PERGUNTAS:

1. Você me falou que algumas pessoas viraram as costas para você quando você foi liberto. Quem são essas pessoas que viraram as costas para você? (Amigos, familiares e etc).
 2. Qual foi a sua sensação na hora que foi liberto?
 3. Quem foram as pessoas que mais te apoiaram fora das penitenciárias?
 4. Você saiu há pouco tempo, sua pena era de 12 anos. Como você conseguiu a sua remissão da pena?
 5. Me conte sobre as pessoas que estão sempre do seu lado e te incentivam no seu dia a dia para fazer as coisas certas?
 6. Você me disse que quando foi liberto você sentiu uma alegria muito grande e de ter uma continuidade na vida. Como seria essa alegria e a continuidade na vida?
 7. Como foi para você ter um emprego assim que foi liberto e tendo o seu próprio salário com o seu suor?
 8. Sobre a questão do preconceito, como as pessoas te olhavam na rua?
 9. Como você se sentia com os olhares de reprovação das pessoas?
 10. O que te fez erguer a cabeça para não voltar mais para o mundo do crime?
 11. Me conte sobre as dificuldades que você teria de arrumar um emprego se não fosse a sua família?
 12. Em que medida o apoio da sua família foi importante para sua recuperação?
-

XXI – OSVALDO PESSOA

ENCAMINHAMENTO: O fotolivro tem como objetivo mostrar a realidade enfrentada pelos personagens que passaram pelo sistema penitenciário paulista. As fotografias, que devem retratar o cotidiano dos mesmos, serão acompanhadas de textos de perfil que serão responsáveis por contar a história destes personagens, desde o que os levou ao mundo do crime até, principalmente, as dificuldades enfrentadas pelos mesmos após o cumprimento de suas penas.

DADOS: Osvaldo é o pai do André. Segundo ele, o pai ajudou muito durante e principalmente depois da pena no Centro de Ressocialização de Presidente Prudente. Osvaldo trabalha na Voltarelli, mesmo lugar do filho, e foi ele próprio que indicou para o processo seletivo que a empresa estava fazendo na época. Segundo André, o pai é um dos principais motivos para que ele não voltasse ao crime, sempre dando bastante apoio emocional e por ter ajudado com a questão profissional quando André deixou o sistema.

ENTREVISTADOR: Heitor Pedroso

ROTEIRO

Nome: Osvaldo Pessoa

Telefone: (18) 3334-6611

Endereço: Av. Paulo Marcondes, 1.281. Parque Alto Bela Vista, Presidente Prudente/SP (Voltarelli Produtos para Marcenaria).

Data e Horário da Entrevista: 04/10/2019, 9h.

PERGUNTAS:

1. Qual foi a sua reação à prisão do André? O que passou pela sua cabeça no momento?
2. E depois, nas semanas ou meses seguintes?
3. Você o visitava com frequência? Como eram essas visitas?
4. Como foi a vida durante o período em que ele estava preso?
5. Quando você viu o André libertado novamente, qual foi a sua reação?
6. O André falou que você é o espelho dele. Como você vê a relação de vocês antes de ele ser preso? E depois que cumpriu a pena?
7. Você já presenciou alguma situação de preconceito que o André passou depois que saiu?
8. O André fala bastante que você o apoia, o ouve, dá conselhos. De que maneira você tenta ajudar ele? Quais são os conselhos que você dá para ele? (pedir para ilustrar com uma história, se possível)
9. Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o André que nós não perguntamos?